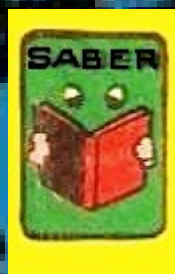


*Clare Emsley*

# *O amor do vale perdido*



Clare Emsley

***O AMOR DO  
VALE  
PERDIDO***

SABER S/A - Expansão Industrial e Comercial da Cultura

Rua Almirante Barroso, 154 e 158 - Brás

Caixa Postal, 10.589 - São Paulo

**BLACK GOWER OF LOST VALLEY** by Clare Emsley -  
Copyright obtido por intermédio da APLA -  
Agência Periodística Latino-Americana - Rio de Janeiro - GB  
Direitos autorais reservados pela SABER S/A -  
É proibido a reprodução no Brasil,

1970

Distribuidor para todo o Brasil:  
FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S/A  
Rua Teodoro da Silva, 907 - RIO DE JANEIRO  
Guanabara.

Bronwen Parry — Enfermeira Distrital (District Nurse) — esperava por seu mensageiro em Trefion... até que se encontrou com Black Gower na esquina da água de “seu” vale submergido.

## CAPÍTULO I

O espírito de Bronwen Parry elevou-se nos ares, como um pequeno carro, até o mais alto ponto do desfiladeiro. O céu estava azul e brilhante, batendo contra as montanhas Welsh, formando um quadro de moldura gigantesca.

Parou o carro e olhou firmemente para o lago que se sobressaía em meio ao brilho do sol. De repente, sentiu que estava certo o que pensara: “há uma cidade engolfada pelas águas embaixo — uma cidade onde há vida!”

“Povo — meu povo!” Ela falou alto no silêncio. “Saíam desse vale submerso para começar uma vida nova.” Seu olhar mudou-se para a bagagem colocada no assento traseiro e rotulada: Bronwen Parry, Enfermeira Distrital (District Nurse) e Parteira!

Suspendeu seus braços para o alto, num gesto largo, como se fosse abraçar a vista. “Oh, é adorável!”

O medo da sombra de um homem desconhecido observando-a de um abrigo numa montanha, abrandou-a num leve e inesperado sorriso de doçura. Então, como se chamasse novamente os pensamentos escuros, eles tornaram-se duros e cismados.

Ele disse em Welsh: “Você pensa que nosso lago é maravilhoso? Acha que gostamos de viver deste modo? Nossas casas foram submersas e não há nenhum sinal!”

— Entretanto, é bom para atrair turistas e para o povo de Great Ormesby ter o que beber!

Ela virou-se para ele, chocada pela severidade e pela tensão de seu poderoso corpo. Respondeu rapidamente com suas próprias palavras.

— Sim, bom para beber. É progresso.

Olharam-se através do silêncio e então, ela deu um sorriso:

— Então, você fala nossa língua? Sinto-me feliz em ouvir isto. Um estranho estranho daqui ou de Owen Grower o conhece.

Ele aproximou-se dela com sua magnífica figura, forte e atraente, com seus olhos escuros e cabelos próprios de sua raça.

Ela tentava quebrar o silêncio:

— Mr. Grower! Parece-me que lembro do senhor dos jornais no tempo da inundação, quero dizer.

Ele inclinou a cabeça e seus olhos brilhavam de raiva e exasperação, com um orgulho desafiante.

— Sim, você pode lembrar-se disso. Todos Wales falaram de mim e Great Ormesby é difícil de ser esquecido!

Sua voz baixou, como se ele não pudesse lutar contra um grande centro industrial, ao qual este vale suplicava por ajuda. “Owen Grower, foi quem tratou de dinamitar a barragem e salvar a vila.”

— Sou a única que posso salvar a cidade, Mr. Grower, ajudando a trazer suas crianças para o mundo cuidando do velho povo e...

Ela parou, com um sorriso incerto, tentando persuadir-se.

Ele recomeçou a falar, ardentemente, descrevendo o lugar pitoresco, que

um homem ama. Das águas azuis, enquadradas dentro das grandes montanhas, ele criou para ela a cidade perdida, a capela e casas de campo com ramos de flores, no fim de uma longa avenida, arborizada, Llandyn Hall, milhares de janelas brilhavam com a iluminação fraca do sol que morria.

Este homem sincero e de poderoso poder místico e passional, capturara-lhe a imaginação, tanto que sua apreensão sobre seu novo emprego desaparecera.

Ele ficou ao lado dela, apontando para um ponto numa parte branca, não quebrada pela água.

— Lá ficava o Hall e, de pai para filho, servimos o Hall fielmente. Durante muitas gerações, o governo do estado esteve em nossas mãos e, então, a velha família morreu e o estranho da Inglaterra veio...”

Uma nuvem passou sobre o sol e ela estremeceu:

— “Tente esquecer, Mr. Grower. Ponha isto para fora de sua mente.”

— Black Gower nunca esquece”, disse ele firmemente. Há uma coisa que você logo aprenderá lá embaixo.”

Na clara atmosfera ela podia descobrir o ramalhete de flores das casas de campo e Llandyn. E, então, um pouco mais adiante, um conjunto de casas desfeitas pela inundação.

Ela colocou sua mão no seu braço e insistiu:

— “Mr. Gower, reflita. Devem haver outros empregos”.

— “Sim”. Trabalhe para Black Gower nas terras de Wales e por aí a fora.

Ele falou da Inglaterra como se fosse um país estranho para ele e continuou:

— “Nasci sob a sombra de Cader Maen e neste mesmo lugar quero morrer.”

... “Black Gower”, murmuraram os lábios de Bronwen. Tinha sido um estranho encontro e ela ainda continuava a contemplar a paisagem montanhosa. Para ela tudo parecia ser um outro mundo.

Ela atravessou uma ponte de pedra cinza e passou por entre um grupo de meninos que jogavam perto da estrada. Eles pararam com o jogo para fitá-la com uma curiosidade natural.

Com os dedos apertando o volante ela parou e perguntou onde poderia encontrar a loja da senhora Morgan, e disse que era a irmã Parry, a nova enfermeira.

Houve um silêncio. Ela sorriu e acrescentou:

— Vocês estão com vergonha? Venham aqui e falem.

Seu sorriso quebrou o silêncio cortante, tornando-o aquecedor e amigável.

— Lá, irmã, respondeu um dos meninos.

Eles apontaram para uma loja próxima da capela construída de tijolos vermelhos.

— Quer que a ajudemos com a bagagem, irmã? perguntou um dos meninos.

Abriram o carro, retiraram a bagagem, foram à loja e apertaram a campainha.

— Que recepção! pensou a irmã Bronwen.

— A irmã está aqui, senhora Morgan.

— Seja bem-vinda a Trefion, irmã. Que bom vê-la, disse a senhora Morgan dando a mão para Bronwen.

— Você deve estar cansada da viagem. Suba para o quarto e descanse.

Bronwen sacudiu a cabeça.

— Precitaria de muitas outras coisas para tornar-me cansada do que guiar, senhora Morgan. Preciso desembrulhar um pouco de minhas coisas e, com a sua permissão, fazer um relatório para o doutor Dawnay, acrescentou ela com um ligeiro sorriso.

A senhora Morgan foi para a porta divisória da loja e disse:

— A irmã está aqui, Ivor. Cuide de suas malas. Nenhum cliente no momento, mas, logo teremos novos voos.

Dirigindo-se à irmã, disse:

— Você se sentirá feliz e confortável aqui conosco.

— Tenho certeza disto, respondeu a irmã.

— Eu me assustei quando você chamou por seu marido. Pensei que ele também fosse um atizador de discórdias como o senhor Gower, com quem encontrei-me no alto das montanhas.

— Black é acima de tudo um perturbador. Não há um só quarto para ele em Trefion por causa de sua conversa selvagem, acrescentou a senhora Morgan.

— Ele pretende morar e morrer sob a sombra de Cader Maen, disse a irmã. Ele me disse isto também.

— Enfim, ele é casado.

Bronwen não sabia disto e sentiu-se desapontada, também com o tom de voz da senhora Morgan.

A senhora Morgan observou-a por algum tempo e, então, respondeu:

— Um romance de amor, como chamam nos livros. Rhona Denton, veio para ficar no Hall e dentro de algumas semanas eles se tornaram marido e mulher. Ele deixou muitos corações partidos, quando se casou, mas encontrou sua companheira nela.

O olhar da senhora Morgan continuava fixado na irmã.

— Ele tem um estranho poder sobre as mulheres, mas desde que se casou não procura por outra a não ser Rhona.

A senhora Morgan lançou-lhe um olhar firme. Owen Gower tinha-a impressionado, naturalmente.

— Ele conseguiu um emprego com Dai Evans, o fazendeiro, continuou a senhora Morgan, e, sacudindo a cabeça, prosseguiu:

— Lembre-se, tudo que você quiser saber, Gwenna Morgan é a pessoa indicada para responder.

Bronwen sorriu. Quando ficou sozinha, sua fisionomia tornou-se séria, e pensativa. Uma loja de vila era o lugar para as fofocas e assuntos confidenciais. Devo manter-me calada, pensou ela.

Aprovando sua decisão, resolveu ir encontrar-se com o doutor Dawnay para

conversar sobre os acontecimentos e... esquecer Black Gower.

Depois de decorrido algum tempo a senhora Morgan chamou-a para apresentar-lhe Morwen Lewis, a professora do lugar. Bronwen logo percebeu a amizade e o calor com que a professora a recebera. Entretanto, resolveu telefonar para o Doutor Dawnay.

— ... Bem, irmã, como tem se sentido entre nós? Acha que não acabará por perder a lucidez neste lugar?

— Não, doutor Dawnay. Sei que não a perderei.

— Você parece estar bem segura de si mesmo, disse o doutor num tom de riso.

Ela sorriu e confessou:

— Você está completamente certo.

— Há alguma coisa que a preocupa? perguntou Michael Dawnay.

Ela hesitou por alguns instantes e, então, contou a ele de seu encontro.

— Gower! Um homem estranho, que expunha seu coração numa poesia selvagem.

— Ele assina o nome de Owen Glendower, nosso herói nacional. Seus poemas são maravilhosos. Se você puder ler a língua Welsh...

— Oh, mas eu tenho lido seus poemas. Não entendia quem ele era.

Não sou nenhum poeta, irmã. Já há problemas suficientes no mundo mesmo sem que Gower se agite mais. Sinto pelas pessoas que se deslocaram de suas casas, mas elas encontraram casas bonitas, melhores do que as antigas do povo de Trefion. O que todos ainda parecem fazer é pensar junto e lamentar os bons dias do passado! Isto torna meu trabalho mais difícil e o seu também. Você verá. Há uma “Cortina de Ferro” através desta cidade, Trefion num lado e Black Gower no outro. Tente a união. Pode ser que a ouçam.

Ele terminou, com seu sorriso charmoso:

— Seria fácil!...

Então, continuou seriamente:

— Agora deixe-me tentar colocá-la na situação; dê alguma ideia sobre o distrito e depois a enfronharei mais detalhadamente nos casos.

Ele falava com certeza e compreendendo. Era uma raridade que isto acontecesse em lugares como Trefion, por exemplo.

— E a capela, irmã, é a espinha dorsal da comunidade; Mr. Rhys, o ministro, cansa-se por atravessar as colinas, mesmo no tempo frio de inverno, para visitar aqueles que não podem fazer a viagem até aqui.

Michael Dawnay tirou seu cachimbo, acendeu-o e fumou pensativamente.

— Mr. Rhys faz muito mais, do que eu com seu conforto religioso, do que eu com a medicina.

Ela riu e sacudiu sua cabeça. Ele insistiu:

— O que eu quero dizer é que ele é uma espécie de santo bíblico. Mas, nem mesmo o ministro pode fazer algo em Black Gower!”

Ele silenciou e poucos momentos depois, a porta se abriu. Uma mulher de



meia idade, demonstrando um certo medo e claro complexo, permanecia sorrindo na porta de entrada.

— Hello, mamãe. A irmã e eu acabamos de conversar.

— Conversar sobre Trefion nunca se termina! observou a senhora Dawnay.

Dirigindo-se à irmã que neste momento se encontrava em casa do doutor Dawnay:

— Você e Michael estão sempre prontos para os problemas de Trefion, não é verdade irmã?

Dissera isto com orgulho e continuou dizendo que Michael era como o pai, muito consciencioso.

Michael levou seus braços aos ombros da mãe, explicando para Bronwen:

— Papai morreu num desastre. Também era médico e vivia entre os homens. Era inglês, disse Michael sorrindo levemente. Sempre quis segui-lo em sua prática industrial, mas, assim que cresci e tornei-me qualificado, viemos para cá. Não se pode dizer que aqui seja um lugar, mas, cumpro minha missão.

Bronwen conservou-se calada e pensativa: “Um jovem e forte homem encerrado nas montanhas.”

Olhou para a senhora Dawnay, viu seu ressentimento de dor e agitação de uma velha tragédia e respondeu sentidamente:

— Um médico é sempre necessário, onde quer que ele esteja.

Michael sorrindo responde:

— Você é o éco de mamãe.

Nos dias que se seguiram, Bronwen estava feliz e satisfeita no seu trabalho. Como Michael Dawnay tinha esperado, as pessoas nas suas novas casas estavam felizes e alegres por vê-la.

Todos falavam bem do doutor: “um grande homem”.

Numa noite, quando Brown voltava de uma de suas visitas a um paciente numa fazenda distante, viu de relance a figura notável de Owen Gower, com sua poderosa voz, fazendo um discurso num pequeno grupo de pessoas.

Nesta noite Bronwen não dormiu. Imaginava Owen Gower parado no crepúsculo, ouvia sua voz. Seus sonhos foram perturbados por uma cascata de água correndo através do vale; uma visão tão real que ela acordou com um grito.

Tremendo, ela levantou-se da cama e foi para a janela.

Mas, no próximo dia, ocupada com seu trabalho, ele desapareceu da sua mente. Seu tempo estava todo tomado.

Foi um dia duro e nuvens de chuva apareciam no alto das montanhas. Sua colega, irmã Llewellyn estava fazendo um trabalho fora, então, Bronwen tomou seu lugar para os chamados de rotina.

De volta para casa, Bronwen dirigia com cuidado. Mas, quando dobrou uma esquina, teve que brecar para evitar de atingir uma mulher e um garoto, que caminhavam no meio da estrada.

Bronwen abriu a porta e segurando-a fortemente por causa do vento, disse:

— Desculpem! Entrem. Deixem-me dar-lhes uma carona!

— Obrigado, disseram os dois.

O rapaz sentou-se no banco de trás, enquanto que sua mãe sentou-se perto de Bronwen.

— Que lugar! Que dia! Graças a Deus que você apareceu.

Ela olhava o uniforme de Bronwen.

— Suponho que você é a nova enfermeira? disse a mulher com certa amargura que perturbou Bronwen.

— Acho melhor me apresentar. Sou Rhona Gower e este é meu filho David.

— A esposa de Owen Gower? perguntou Bronwen tremendo.

— Sim, a esposa de Black Gower, ele mesmo!

— Encontrei-me com seu marido no dia em que cheguei. Parei o carro para dar uma olhadela no lago e conversamos.

— Vocês conversaram em Welsh. Ele ficou encantado. A suavidade do lugar, os traços sofisticados eram, enigmáticos. Ele quis ensinar-me mas, eu não quis. Por que aprender tais coisas? Ninguém por aqui sabe uma só palavra.

Bronwen protestou:

— Mas, ele é um poeta, senhora Gower e é sua própria língua.

— Ela está certa mamãe. É o que papai sempre diz, mas você não quer ouvi-lo, diz o rapaz com excitação.

Bronwen virou-se para o rapaz, que continuou com a conversa:

— Papai e eu sempre conversamos e mamãe fica louca conosco. É divertido. Só que mamãe não pensa assim.

Rhona Gower exclamou furiosamente:

— Pare com isto, David!

Mudando de assunto, Bronwen perguntou:

— Qual é o caminho senhora Gower?

Rhona fez um gesto apontando para frente:

— Até lá, vire à direita e vá até onde você puder ir.

Assim que Rhona Gower saltou para fora do carro, parou e sugeriu:

— Não quer entrar e tomar uma xícara de chá?

— Obrigada, senhora Gower. A senhora é muito bondosa.

Dentro da casa já estava escuro e Rhona acendeu um lampião e colocou-o na mesa.

Ela desapareceu em direção da cozinha e David ficou a fitá-la com uma vergonha repentina. Mas, logo decidiu-se a falar com ela:

— Você gosta das poesias de meu pai?

— Certamente que gosto!

Ele falou de seu pai em Welsh, como se isso fosse mais fácil para que ele se expressasse. Ela observava o jovem, com seus traços móveis, de boca sensitiva, ora sorrindo, ora sério. Ele era tão forte, tão altivo, pensou ela.

Quando sua mãe retornou, carregando a bandeja de chá, ele estava agachado no chão, aos pés de Bronwen, olhando-a ativamente. Enquanto tomavam chá, Bronwen compreendeu o quanto estava afetada a outra garota, pelo isolamento. De repente, ela começou a conversar com ela, com uma surpreendente franqueza. Falou de dias passados, de Llandyn Hall e de festas.

Depois de alguns minutos silenciosos, David resolveu quebrar o silêncio, saltando para fora de sua cadeira e correndo para fora da sala. Rhona colocou sua xícara no pires, com um ligeiro tilintar e acendeu um cigarro. Soltando a fumaça de uma tragada de cigarro e observando a fumaça, disse veementemente:

— Isto não pode continuar assim. David e seu pai se agrupam contra mim.

Seus olhos estavam com uma expressão firme e Bronwen notou que seus lábios tremiam. Disse, então:

— Senhora Gower, isto é, inseguramente, mau para o rapaz.

Rhona levantou-se e dirigiu-se à janela.

— De quem é esse erro? Não é meu! Owen teve muitas ofertas de empregos em lugares civilizados. Mas, não. Ele deve ficar aqui!

— Quem gosta disto? prosseguiu Rhona. Viver longe de tudo e de todos?

Antes que Bronwen pudesse responder, ela continuou:

— Você tem seu emprego, um propósito na vida. Você veio para cá porque você quis. Mas, eu caí numa armadilha. A menos que eu faça algo desesperador, estarei aqui para sempre.

Ela começou a andar pausadamente pela sala, repleta de mobília e Bronwen compreendeu que ela estava certa: não havia nada para ela aqui exceto frio e aborrecimento.

Bronwen forçou um sorriso e observou:

— Penso que terei momentos de lamentação, arrependimento. Esta é a primeira vez que trabalho fora de uma cidade. Teremos que nos consolar uma a outra.

Conduziu sua mão no braço de Rhona e, então, a outra moça riu relutantemente:

— Sim, teremos. Agradeço-lhe por ter nos ouvido. Isto nos ajudou. Foi um desabafo para mim mesma.

Quando Owen entrou, desajeitadamente, na sala, pingos de chuva brilhavam na sua cabeça. Bronwen levantou-se e disse rapidamente:

— Boa noite, senhor Gower. Estava de saída. Sua esposa, muito gentilmente, deu-me chá.

Assim que ela se moveu em direção à porta, ele interferiu:

— Não há necessidade de fugir, irmã.

— David, seu papai está aqui. Onde você está escondido — perguntou Owen.

Houve uma pausa e, então, o menino desceu vagarosamente a escada. Seu rosto tinha um aspecto choroso, mas ele conseguiu esboçar um sorriso. Seu pai olhou-o carrancudamente e depois fitou Rhona com espanto.

Ela apagou o cigarro e não queria encontrar os olhos do marido. O menino

ficou entre os dois e Owen perguntou num tom de voz doce:

— Vocês andaram brigando outra vez?

— Oh, não há esperança, irmã. O que eu posso fazer? acrescentou Rhona.

Ela sacudiu a cabeça:

— Sinto muito, senhor Gower.

Dirigiu-se até a porta:

— Adeus, senhora Gower. Prazer em conhecê-la.

Owen Gower foi com ela para a frente da porta e, abrindo-a, lançou um olhar para o céu.

— Um momento irmã, enquanto vou buscar meu oleado.

Ele sorriu, com os traços de seu rosto demonstrando um certo descanso, e virou-se para trás, olhando para David, que estava parado na porta.

— Você voltará? É ótimo para o rapaz e bom para minha Rhona.

Ela acenou com a cabeça:

— O.K. senhor Gower. Quando estiver por este caminho, tentarei vir aqui.

— Você é muito bondosa, irmã, disse ele olhando para ela com alívio, levantando o oleado de seus ombros e abrindo a porta da garagem.

Enquanto dirigia, vagarosamente, pelos lugares lamacentos e com pouca visibilidade, sentiu uma precipitada agitação: “Volte!” Ele tinha dito e era tarde demais para perguntar a si mesma se isto estava certo.

## CAPÍTULO II

Bronwen adorava crianças, Foi o motivo mais forte que a conduziu ao presente emprego, via-se trazendo-as ao mundo, observando-as crescer e sentia-se orgulhosa e responsável.

Riu com o coração aberto. Conservava seus olhos em Owen Gower e lembrava-se do que ele lhe dissera: “Volte, irmã!” É ótimo para o rapaz.

A loja estava fechada e o senhor e a senhora Morgan estavam na sua pequena sala de estar.

— Ah, aqui está a irmã! Esperávamos por Ivor e você. É agradável ter companhia para jantar num dia como este!

Enquanto sentavam-se à mesa para tomar a refeição, Bronwen viu o olhar desejoso da senhora Morgan de falar com ela.

— Então, como foi o dia hoje, irmã?

Impulsivamente, Bronwen encontrou-se contando o que acontecera na estrada, o chá com Rhona Gower, sua conversa com o rapaz.

— Ele parece ser adorável, senhora Morgan.

— Sim, irmã. Ainda bem que encontrou-se com eles, e falou com a senhora Gower. Mas, este rapaz tem problemas, apesar de ser um dos alunos mais eficientes da senhorita Lewis e de ter a imaginação do pai.

... Dias após, Bronwen fez uma visita de rotina na escola e Morwen Lewis convidou-a para ir tomar chá com ela, em sua pequena casa onde morava sozinha.

Bronwen e a professora logo tornaram-se amigas, embora tivessem temperamentos diferentes. Mas, ambas tinham vocação para o trabalho que exerciam.

— Tento ser mais racional, do que sentimental ou coração duro, disse-lhe Morwen Lewis. Mas, não consigo, e, quando chego em casa sinto-me miserável!

Enquanto tomavam chá, Morwen argumentou:

— Você fez uma conquista: o filho de Black Gower!

Bronwen sentiu que sua fisionomia mudara de cor.

— Oh, eu sinto-me feliz com isto. Apenas levei o rapaz e sua mãe para casa, num dia chuvoso, e ela convidou-me para entrar em sua casa. Um rapaz muito simpático; conversamos um com o outro.

Morwen Lewis tomava o chá pensativamente:

— Você pode fazer muito por este jovem. Você pode ser uma amiga para ele, assim como enfermeira.

Bronwen sacudiu a cabeça e disse firmemente:

— Não, Morwen. Não tenho tempo nem inclinação para me envolver pessoalmente neste caso. De todo modo, não posso arcar com a responsabilidade de favorecer qualquer criança ou adulto em particular.

Morwen notou que sua mão tremia, quando ela colocou a xícara na mesa. Embora estivesse curiosa e um pouco perturbada, disse-lhe calmamente:

— Entendo. Desculpe-me se a aborreci.

Poucos dias depois uma carta de letra desconhecida, chegou para Bronwen. Era de Rhona Gower e fora escrita com uma decisão temporária:

“Não sei quando é seu dia de folga mas seja quando for, venha tomar chá comigo. Apenas envie-me algumas linhas quando você vier, que estarei completamente pronta para esperá-la.”

O impulso de Bronwen era de escrever-lhe imediatamente e aceitar o convite, mas, sua consciência advertiu-a, pois, uma vez que ela se envolvesse com estas pessoas, seria difícil permanecer imparcial. Escreveu um bilhete, aceitando o convite e indicando seu dia de folga, e à noite, enquanto estava sentada em frente à penteadeira, escovando seu cabelo, antes de ir para a cama, sorriu tristemente por causa de sua decisão.

— Isto é ser fraca, mentalmente? Apaixonar-se por um homem, casado? Você devia envergonhar-se Bronwen Parry! Primeiro o emprego e as necessidades, disse ela para si mesma.

Nesta noite seus sonhos foram preenchidos com imagens de Black Gower e, quando desceu para o café da manhã, no dia seguinte, tinha um ar abstrato.

A senhora Morgan, ocupada com o café da manhã e com a abertura da porta da loja, estava atarefada demais para notá-la.

Quando encontrou-se com Michael Dawny, ao anoitecer, ele sugeriu-lhe:

— Que tal nos sentarmos no jardim, irmã?

Ela riu e concordou:

— É uma sugestão tentadora! Detesto ficar trancada dentro de quatro paredes!

Seguiu-o pelas portas que conduziam ao jardim. A senhora Dawnay sentou-se num banco, com um livro nas mãos, olhando e sorrindo para Bronwen.

— Hello, my dear! Sente-se e descanse esses pés cansados.

Michael aproximou-se delas com mais duas cadeiras e desapareceu para dentro da casa. Bronwen sabia que a senhora Dawnay tinha-lhe sorrido de maneira prazerosa.

— Sente-se feliz em Trefion, irmã? perguntou-lhe a senhora Dawny.

Bronwen respondeu rapidamente:

— Sim, senhora Dawnay. É muito mais fácil do que eu pensava. E queria dizer-lhe que amizade e cooperação entre o povo de Llandyn. Mais do que esperava.

A conversa foi interrompida com a entrada de Michael com uma bandeja de bebidas geladas. Ele ficou perto dela, olhando-a, e seus olhos azuis encontraram-se com os dela interrogativamente.

— Você tem algo em mente, irmã? disse-lhe ele.

Ele colocou os copos de lado e sentou-se ao lado dela, com suas longas pernas esticadas diante de si mesmo.

— A preocupação com o nosso trabalho é o que você nunca pode abandonar. Mas particularmente, gosto de ter dias de folga para passear de barco, mesmo que seja num barco de carga. Você deveria fazer o mesmo, quero dizer, passear nos seus dias de folga. Vá para a cidade grande, iluminada, senão você jamais sairá daqui.

Ela colocou seu copo na bandeja, lançando-lhe um olhar:

— É estranho o senhor dizer isto! Aceitei um convite da esposa do nosso famoso Black Gower, para tomar chá juntamente com ela no meu dia de folga.

Ela falou o nome de Black Gower suavemente e sua voz enfraquecera.

— E já me arrependi. Mas, quero um pouco de sossego.

Ele respondeu seriamente:

— Você está certa, irmã. Eu não diria isto a mais ninguém, irmã, mas, Rhona Gower tem-me dado mais preocupação, em tão pouco tempo, do que uma dúzia de outros pacientes que tenho atendido.

Tirou seu cachimbo do bolso, com um olhar pensativo em direção às montanhas. E lançou um olhar direto a Bronwen.

— Se você aceitar meu conselho, poderá fugir das propostas de amizade de Rhona Gower. Eles devem ser muito mais do que você pode tratar.

Com as sobranceiras contraídas, ela deu um sorriso despreocupado:

— Oh doutor. Tenho meus pés no chão e tenho que ir contra alguns estranhos clientes no meu tempo! É claro que posso tratar dela.

Levantou-se, endireitou a saia de seu uniforme sorrindo para ele, segura de que cobriria sua juventude e sua vulnerabilidade. Disse adeus à senhora Dawnay e caminhou com ela para o portão.

— Não vá dizer que eu não a adverti! disse o doutor Dawnay.

— Um lindo dia para este tempo, irmã. Pelo menos podemos oferecer-lhe algumas paisagens, disse Rhona Gower.

— Veja lá, irmã! O vale submerso de Black Gower! disse o menino em alta voz.

— É adorável. Disse isto desde o primeiro dia, quando cheguei.

A outra jovem ria:

— É bonito se você puder ver beleza nisto.

— Não foi para me mostrar as paisagens que a senhora me trouxe aqui, senhora Gower?

— Não sei porque fiz isto. Talvez para que você saiba o que tenho que suportar. Todas as noites, quando há luz suficiente, Owen fica aqui, admirando a vista... Eu não existo, nem David.

O jovem sacudiu a cabeça veementemente:

— Eu amo isto, papai e eu amamos isto. Eu venho aqui com ele. Mas, mamãe nem sempre fica sabendo. Nosso segredo. Meu pai sabe. Não conte para ela; ela ficaria furiosa se soubesse.

Uma criança de seis anos falando como um adulto, pensou Bronwen.

— Exatamente. Não é seu problema, respondeu Rhona num momento de nervosismo extremo.

— Desculpe-me, irmã. Fui rude.

Ela aproximou David de Bronwen, acariciando-lhe a cabeça.

— Vá para casa e prepare a mesa para quando eu voltar.

Imediatamente, ele correu em direção à casa

Depois da ida do garoto, Rhona resolve conversar livremente com Bronwen.

— Não sei o que acontece comigo. Preciso de uma amiga.

Bronwen respondeu prontamente, com ar simpático:

— Não pense tanto em trabalhar, senhora Gower. Seu marido já deve ter dito isto. E, ele merece muito mais do que faz; um emprego muito melhor. Ele verá isto em tempo.

— A única coisa que desejo é que você esteja certa, respondeu Rhona.

Foram para a casa de Rhona em silêncio, mas, Rhona parecia feliz com a companhia de Bronwen.

O tempo passou e o céu, ia-se escurecendo. De repente, alguém falando em Welsh apareceu apressadamente.

— Talvez seja para mim, pensou Bronwen.

Dirigindo-se para fora da casa, deparou com um jovem, que subiu até onde ela estava e falou-lhe em Welsh:

— Venha depressa, irmã. Black Gower estava numa taberna e... sua cabeça está cortada. Doutor Dawnay está atendendo um caso longe daqui e a Irmã Llewlllyn não está em casa.

Olhou para Rhona, que saía da casa para investigar o que estava acontecendo...

— Irei imediatamente, respondeu Bronwen. Acho melhor explicar à senhora Gower.

Correu para o carro e guiou velozmente para a cidade para apanhar sua mala de instrumentos e, em seguida, apressou-se para o local onde se encontrava Black Gower.

O senhor Price, o proprietário do bar, conduziu-a a um pequeno quarto, atrás do bar, onde Owen Gower estava deitado, no chão, com a cabeça sobre um travesseiro e com uma áspera atadura na cabeça.

Tentando abrir os olhos, disse-lhe:

— Sinto muito irmã. Um cara louco me enraiveceu.

Ele tentou levantar-se mas ela colocou sua cabeça sobre o travesseiro. Era um corte feio, mas ela estava acostumada com todos os tipos de doenças, injúrias, violência e isto não a chocou.

Com um sorriso lamentoso, ele murmurou:

— Está tudo bem, irmã.

Ela fez outra atadura.

— Senhor Gower, gostaria que o senhor visse o doutor, disse ela firmemente. Doutor Dawnay não está disponível no momento, mas eu o levarei ao hospital.

Ela não estava preparada para a rapidez e veemência de sua reação. Ele levantou-se e ficou em pé, suportando-se com as mãos sobre uma mesa.

— Irei para casa e para nenhum outro lugar!



Bronwen sacudiu sua cabeça e respondeu decididamente:

— Desculpe-me, senhor Gower, mas cumprio meu dever.

— Para casa e ninguém me segura, disse ele rudemente.

Ela inclinou a cabeça:

— Está certo.

Levou-o para o carro e fez com que ele subisse. Enquanto ela dirigia, seus olhos se fecharam.

Ela se sentia feliz por ter trocado algumas palavras com o proprietário do bar e tinha pedido a ele que avisasse o doutor Dawnay do que tinha ocorrido.

Assim que chegaram, ele caminhou em direção à casa e o desejo de Bronwen era de segui-lo, mas algo a deteve. Enquanto ela estava parada, hesitante ele desapareceu para dentro da casa.

Poucos momentos depois, a porta da frente se abriu e o pequeno David correu em direção à ela.

— Oh, irmã, estou tão assustado! Não me deixe! Por favor, não me deixe! Mamãe e papai...

O éco das palavras de Dawnay viram-lhe à mente, como se fossem de um outro mundo. Mas, desviou seus pensamentos e segurou o rosto assustado do menino entre as mãos. Sabia que ela estava enfronhada nestas três vidas.

### CAPÍTULO III

Bronwen segurou David apertadamente em seus braços.

— Venha aqui e ouça-me, disse-lhe ela levando-o para o carro e colocando-o no banco para passageiros.

— Agora, David querido seu pai teve um acidente desagradável e sua mãe está preocupada, aflita. As pessoas dizem coisas que não devemos acreditar, mas, você não deve levá-las a mal.

— Você quer dizer que mamãe não se importou com o que aconteceu e que quer deixar-nos?

Que conforto ela poderia oferecer a ele? Não sabia do que estava acontecendo por trás da porta fechada.

— Fique aqui, querido. Irei lá dentro para trocar algumas palavras com seu pai e com sua mãe.

Ela desceu do carro e caminhou para cima, em direção à porta da frente. Ouviu os tons de voz exaltados de Rhona e as respostas de Owen. Bateu e esperou, mas, não houve nenhuma resposta.

Hesitou por alguns segundos, mas, lembrou-se de David e, então resolveu virar a maçaneta e entrar.

Rhona e Owen encaravam-se um ao outro na sala. A luz do sol iluminava os adoráveis rostos dos dois numa expressão de raiva e desgosto.

— Fico quanto quiser e quando quiser. Será que você nunca aprenderá? tagarelou Rhona.

Antes que ele pudesse responder, ela continuou a falar na mesma altura de voz:

— De todo modo, é tarde demais! Eu vou-me embora e você pode submergir nesse seu vale, para sempre!

— Irmã! Você ouviu? O menino e eu... ela vai embora! Minha Rhona vai nos deixar! falou Owen em Welsh, com uma voz rouca de emoção, passando as mãos na atadura da testa.

— Não pode ser verdade! Fale para ela, irmã!

Bronwen gesticulava desajeitadamente:

— O que posso fazer, senhor Gower?

Rhona olhava um e outro, com um aspecto perturbado, do qual Michael Dawnay avisara Bronwen. Mas, agitada por causa de sua discussão que se relacionava ao marido e ao filho, Rhona gritou furiosamente:

— Pare com essa língua de bárbaro! Fale de maneira que eu possa entendê-lo.

Bronwen sentiu-se agitada.

— Qualquer que seja a língua que ele fale, você nunca entenderá. Você não tentará nem mesmo chegar às palavras! Seu marido é um poeta, e apega-se às paisagens que ele conheceu e amou durante toda sua vida. As montanhas estão em seu sangue; nossa língua é a sua língua nativa, eu sei o quanto ele sente isto, porque eu sou uma Welsh também.

Owen levantou sua cabeça e fitou Bronwen, com os olhos brilhantes, como se fossem um espelho. E isto fez com que Rhona fosse além do seu controle. As palavras saíam de seus lábios, cujo significado ela pouco sabia.

— Eu sei o que você é depois... meu marido! Não é a primeira vez que uma garota fica de olho nele Black Gower, o Romeu das montanhas! É claro que você não quer que ele saia daqui! É claro que você quer que ele fique em volta de você!

Bronwen pensou: “Isto não pode ser verdade”.

Os olhos de Rhona fitavam-na como se a acusasse. Subitamente, ela foi até a porta, abriu-a e:

— Saia! E fique lá fora!

Bronwen viu David no carro.

— Senhora Gower, por favor!

De nada adiantou sua súplica. Ela continuou a falar como uma torrente, até que Owen interferiu na conversa:

— Faça como ela diz, irmã e deixe este caso comigo.

Cerca de um minuto depois, Bronwen ouviu o ronco de um motor. Michael Dawnay dirigiu-se para lá.

— Oh, doutor, graças a Deus que o senhor está aqui.

Ele percebeu o que se passava com a família e num tom decisivo disse-lhe:

— Irmã, não vá!

Cumprimentou o menino, acariciando-lhe a cabeça.

— Certo senhora Gower, disse-lhe Michael Dawnay. Suponhamos que você feche a porta e conte-me qual é o problema.

— O senhor sempre tenta jogar uma ducha fria de sanidade nas minhas cóleras.

Ela apontou para seu marido:

— Ali está seu paciente, doutor, é melhor cuidar dele.

Michael levou seus dedos em torno do pulso de Rhona, notando a rapidez de sua pulsação. Com o tocar de seus dedos, o controle de Rhona desapareceu:

— Oh, doutor, por que estas coisas horríveis acontecem comigo? Meti-me na vida desta infeliz enfermeira, fazendo-lhe todos os tipos de acusações infundadas. Ela é a última pessoa que eu ofenderia! Ela é alguém com quem se pode conversar; é uma voz amiga neste deserto.

Compreendendo que ela precisava de tempo para recuperar seu semblante de calma, sentou-a numa cadeira de braços e dirigiu-se a Owen:

— Agora, senhor Gower, qual é a sua versão da estória?

Gower sentiu-se sem conforto e num tom baixo de voz recontou o que havia acontecido.

Quando terminou, parou em frente de Rhona:

— Oh, seria terrível se você nos deixasse! Seria terrível para mim deixar o meu vale! Meu coração está aqui nestas montanhas.

Michael não fez nenhum comentário e conduziu Owen para dentro do

quarto.

Depois de examiná-lo, tornou a conduzi-lo para a sala de estar.

— Rhona, você deve se desculpar com a irmã, disse Owen.

Michael respondeu mais rapidamente do que ele esperava:

— Não, eu tratarei disso com ela. É no pequeno David que estou pensando, acrescentou Michael num tom gentil.

— As crianças não sabem tudo e não têm meios para julgar, continuou Michael.

Owen apressou-se para a porta da frente e chamou por David:

— David, querido, venha falar com sua mamãe e com seu papai.

Ele suspendeu seus braços e o garoto saiu do carro e correu em direção a ele. Segurando a mão de seu filho, Owen colocou seu braço em torno dos ombros de Rhona.

Então, os pais e a criança entraram, fecharam a porta e tudo se apaziguou.

Michael sorrindo amigavelmente para Bronwen:

— Estou muito preocupado com você. Eu não a adverti, Bronwen, por causa de Rhona Gower e suas complicações. Owen é o ganha-pão da família e deveria ir para onde valesse a pena ganhar seu pão.

— Ela é dura, egoísta e completamente sem imaginação. Você não entende. Você é inglês como ela. Mas, EU SEI! EU COMPREENDO!

— Você não sabe nada! Você é impulsiva e emocional além de permitir-se de ser dominada por esse temperamento Welsh.

Percebendo o ar de tristeza que lhe abatera, ele disse:

— Amo esta paisagem assim como você ou tanto como você apesar de ser estrangeiro. Mas, nunca deixo-me conduzir por um apego sentimental que destrua meu senso de responsabilidade para com minha família.

— Você é uma ótima pessoa para se conversar, disse-lhe ela.

Depois de uma pausa, com uma sacudidela de cabeça, ela lhe disse:

— Você é rápido com as palavras, doutor. Que chance tenho eu; sou apenas uma enfermeira.

Ela se levantou, escovou a poeira de seu casaco e:

— Você é tão ocupado e eu estou fazendo com que você perca tempo com argumentos.

— Esperava que fosse muito pior lá na casa de campo. Mas, depois que o proprietário do bar me contou o sucedido, estava preparada para qualquer emergência, mas, Black Gower é um homem-leão.

— O jovem David merece compaixão e consideração. Tentei acalmá-los, fazê-los entender suas responsabilidades com relação ao menino.

— Oh, doutor, como o senhor está certo. Uma criança sofrendo é algo além...

Ela tentou encontrar as palavras, mas, não conseguiu encontrar nenhuma que se adaptasse ao caso.

Suas mãos apertavam as dela:

— Não quero que você seja magoada.

Ele se levantou e conduziu-a ao lugar onde estavam estacionados os dois carros. Abriu a porta para ela e ela sentou-se junto a direção. Fechou a porta e ele entrou em seu carro e partiu... Ela o seguiu. Tinha lido uma mensagem em seus olhos.

Nos dias que se seguiram, Michael Dawnay era o mesmo homem trabalhador e Bronwen também tentava ser mais cooperativa para com ele. Não se fez mais nenhum comentário do que se passara com os Gowers. Mas, depois desta cena de Gower, as disputas entre as cidades de Trefion e Llandyn cessaram e Bronwen esperava que Owen e os outros tivessem aprendido suas lições.

Numa noite, poucos dias depois, Bronwen estava em seu quarto ouvindo rádio, quando alguém bateu na porta.

— Entre, disse ela.

David Gower ficou em pé no patamar da escada, com as mãos para trás. Mas, a senhora Morgan insistiu para que ele entrasse.

— Que lindas flores, irmã. E o jovem tão envergonhado de subir entregá-las para você.

Bronwen desligou o rádio e sorriu para ele:

— Hello, David. Que agradável surpresa!

— De minha mãe para você. E, aqui está uma carta, disse o menino todo cerimonioso.

— Meu pai está fora e nós estamos esperando por uma resposta.

Bronwen desdobrou a carta escrita com a letra esticada de Rhona:

“Devo-lhe uma desculpa irmã e tenho tentado encontrar coragem para dirigir-me a você. Mas, no próximo domingo é o aniversário de David e seu papai e eu planejamos um pic-nic. Se no domingo não lhe for possível ir conosco, por favor cite o dia que lhe é possível. O chefe de Owen vai dar-lhe um dia de folga. Ele está decorando esta horrível casa de campo. Não aceitarei não como resposta.”

David viu um pouco de insegurança nos olhos de Bronwen e correu em direção à ela para dizer-lhe:

— Mamãe disse que eu posso convidar quem eu quiser e é você quem quero convidar!

## CAPÍTULO IV

Era difícil para Bronwen resistir ao apelo do rosto do menino, mas, finalmente ela disse relutantemente:

— Desculpe-me, mas, penso que não posso arcar com tanta responsabilidade.

— Mamãe estava certa. Ela disse que você não iria.

— Irmã, por que desapontar o pequeno? disse a senhora Morgan com o coração tocado. Deve ser adorável um pic-nic!

Bronwen encarou-a e repetiu:

— Desculpe-me, disse ao garoto forçando um sorriso. Por favor agradeça sua mamãe pelas bonitas flores, David e...

A senhora Morgan lançou um olhar para Bronwen, que não respondeu. A velha mulher, então, sentou-se numa cadeira de braço e aproximou o menino de Bronwen:

— David, querido, tenho certeza de que você não entendeu bem. Noutro dia ela...

Era o tom que usava para falar com as crianças no balcão.

Enquanto Bronwen pensava no que responder, David que havia saído, retornou puxando seu pai pela mão.

— Papai você é que vai falar com a irmã.

Owen Gower ficou em pé na porta de entrada. Então, viu o olhar brilhante da senhora Morgan. Colocou a mão dentro do bolso e tirou algumas moedas.

— É tarde, senhora Morgan e a loja está fechada. Entretanto, sente-se sede num dia como este. Dê alguma limonada para o menino.

A senhora Morgan levou David para baixo, na loja. Depois que eles tinham ido, o sorriso de Owen desapareceu e sua fisionomia tornou-se séria e um tanto incerta:

— Irmã, tenho que pedir-lhe um grande favor. O rapaz merece um tratamento especial e é errado que ele sofra. Coisas tristes foram ditas...

Bronwen cortou a conversa:

— Não me faça lembrar! Quero esquecer, por isto fora de minha mente.

Foi em direção à janela, para ver o panorama de montanhas e céu, para escapar de sua investigação ou de seu exame.

Ele segurou suas mãos:

— Oh, irmã, peço-lhe que perdoe e esqueça!

Uma vez mais ele apelou para ela:

— Não vire as costas para nós Rhona não vive por si mesmo é uma loucura, uma doença. Oh, peço-lhe, por tudo, esqueça o que aconteceu.

Ela olhou para sua face e disse, baixamente:

— Muito bem. Eu irei.

Por um momento ele não pode falar, então, murmurou:

— Você é boa.

Depois que Owene o menino tinham-se ido, ela sentou-se, ligou o rádio, mas, como este não estava sintonizando muito bem, resolveu desligá-lo.

Na loja, a senhora Morgan, colocava a garrafa de limonada com mais algumas outras vazias nas prateleiras.

— Você devia envergonhar-se, Gwenna Morgan, deixando a porta aberta para ouvir a conversa.

Mas, quem poderia pensar isto? perguntou Gwenna Morgan para si mesma: “Irmã Parry e Black Gower!”

— ...Vinho, irmã. Entrega especial de Great Ormesby! Tome um copo com seu pedaço de frango, irmã! disse Rhona, segurando a garrafa.

Bronwen protestou suavemente:

— Apenas um pouco para provar, senhora Gower.

Esta Rhona era uma revelação. Bronwen dificilmente a reconhecera nesta manhã, quando ela lhe saudara e, pegando em sua mão dissera:

— Todas as palavras duras esquecidas, irmã?

Bronwen respondeu sorrindo:

— Naturalmente!

O dia do pic-nic estava claro e luminoso. Enquanto se dirigia para o local, Bronwen guiava admirando o brilho do sol entre o céu cheio de nuvens. Owen já tinha subido para as montanhas e Rhona e David caminhavam de mãos dadas. Paravam de vez em quando, para tagarelar, rir e discutir uma variedade de assuntos. Rhona tinha feito uma maravilhosa variedade de comida.

— Como a senhora faz isto? perguntou Bronwen. Tantas coisas deliciosas para se comer.

Rhona alisou com as mãos seus cabelos claros e:

— Não vivi sempre no deserto. Quando morava em Londres, costumava visitar as lojas de doces, procurando por novas ideias. E, o chefe em Llandyn Hall era um francês, de algum hotel da Riviera. O senhor Basil, fez com que ele me revelasse os mistérios da cozinha.

Com um riso inesperado, ela acrescentou:

— Nada de sonhar com o passado. Está acabado. Pronto!

E suspendendo seu copo, fez um brinde:

— Para o futuro, às luzes brilhantes e às ruas da cidade atrás das montanhas.

E, arrumando o cabelo de David:

— Está tendo um dia adorável, querido?

— Oh, sim mamãe.

Seu olhar se dirigia para a arma espacial que Bronwen lhe comprara como presente de aniversário. Ele tinha insistido em usá-la na cintura e com um olhar brilhante, procurava por coisas imaginárias.

Antes que Owen pudesse dizer alguma coisa, Bronwen manifestou com

gestos eloquentes:

— Não é sempre que temos esse brilho do sol e sorrisos! Vento e chuva e o céu perto de nós! Esta é uma ocasião especial para minha penitência e para o aniversário de David.

Owen riu de sua extravagância, sacudindo a cabeça.

— Sempre é tudo bonito, irmã. Mas, você não verá isto. Tenho certeza, irmã Wales em todos seus modos!

Decidida a não quebrar o contentamento do casal, Bronwen exclamou:

— Gosto destes dois mundos e não sei qual escolher: as montanhas com o brilho do sol, sem sujeira e sem barulho ou o excitamento da cidade.

Para encerrar com o assunto, sorriu para Rhona:

— Obrigada pela maravilhosa refeição. Obrigada ao senhor também senhor Owen, por todos os trabalhos!

Rhona acendeu um cigarro e, repentinamente um raio solar iluminou seu rosto. Ela sentou-se e tentou colocar-se mais à vontade. Owen dobrou sua jaqueta e colocou-a no chão. No momento, Rhona dormia e, seu rosto repousando tinha uma beleza espetacular. Owen olhou-a e encontrou com o olhar de Bronwen, um tanto pensativo, que atravessava as montanhas. Bronwen queria saber o que ele pensava, neste silêncio distante. Sentiu uma estranha melancolia. Levantou-se, tendo o cuidado para não acordar Rhona e dirigiu-se por trás de Owen para descobrir o que lhe atraía a atenção.

Adiante e abaixo deles, estava o lago, onde se localizava Llandyn.

— Então é isto que você está admirando! falou Bronwen suspirando.

Ele virou-se para encará-la e perguntou no mesmo tom baixo de voz:

— O que mais?

— Você pode viver para sempre aqui nesta paisagem! arguiu Bronwen num tom fora de seus costumes como enfermeira.

Rhona fitou-os, mas continuou a dormir e Owen conduziu-a para um pouco adiante de onde estavam.

— Você não entende, irmã!

Ela respondeu com um pouco de raiva:

— Isto é o que tenho ouvido desde que cheguei a Trefion: que eu não entendo.

Ouviram um barulho atrás deles e Rhona disse numa voz bem clara e nítida:

— Estou começando a pensar a mesma coisa.

Levantou-se e juntou-se a eles:

Pensei que pelo menos hoje teríamos um pouco de paz. Oh, agora eu vejo! Isto explica porque nós viemos aqui; para que você pudesse festejar seus olhos com a paisagem do vale. Queria saber por que você não sugeriu...

— Isto não é verdade. Jamais fiz com que pensassem isto, ele acrescentou com um pouco de humor.

— Se fosse eu quem tivesse escolhido este lugar, seria o último lugar que escolheria. Está bem claro que se estamos aqui é para contentar David. E...



Ele parou e falou num tom ansioso:

— O menino? Onde está? Enquanto sonhava...

Correu em direção ao lugar onde se encontravam as coisas do pic-nic, mordendo os dedos:

— David! Venha cá! Você está escondido!

Poucos minutos após, o menino apareceu por detrás de uma pedra.

— Estava na lua, papai. Apontei a arma para os moradores da lua e eles fugiram.

Ele permaneceu em pé, firmemente, notando um ar de desagrado...

Rhona exclamou:

— Você e sua imaginação! Você é tão mau quanto seu pai!

— A lua é um lugar feio e velho, continuou o menino. Bem diferente daqui.

— Papai veja Llandyn! Nunca sei se você pode ver a cidade daqui!

— Posso, porque sua mãe cortou as árvores de Evan Thomas e deixou-nos esta paisagem. Ah, ah, ah.

Então, tomaram chá, sentados ao frescor da tarde. Owen acendeu seu cachimbo e perguntou para David:

— Então, está tendo um feliz aniversário?

O menino sacudiu a cabeça com vigor:

— Oh, sim, papai. Adorável!

Owen suspirou e:

— Adorável, querido. Adorável como nosso Wales.

Seus olhos tinham um olhar místico e, então, com uma completa falta de consciência de si mesmo, ele começou a declamar. A cadência musical e a expressão da língua Welsh, pintavam o panorama de dourado.

Owen Glendower, o poeta que recitava seus trabalhos de suas montanhas distantes. Era um homem estranho, experiente. Mas Rhona, mantinha-se fora do círculo, por causa da barreira da linguagem, que ela, deliberadamente, se recusava a entender.

Um pensamento de raiva veio-lhe à mente, com relação a Bronwen: “esta garota, também. Ela entende.”

Jogando o cigarro fora, ela chamou Owen:

— Desculpe-me por interrompê-lo, mas é hora de irmos embora. Ajude-me a por as coisas em ordem, David.

— Que agitação, senhora Morgan. Meu William carregando as malas e o pequeno David gritando por seu pai e por sua mãe também. Oh, foi triste vê-los.

Uma correria ocorreu na loja da cidade e todos os ouvidos se alertavam para a senhora Price, cujo marido fazia o serviço de táxi. A senhora Morgan, atrás do balcão, prontamente:

— Onde ele os conduziu, então?

— Não diga, *os*, mas sim, *a* conduziu! disse a senhora Price num tom

significativo.

— Primeiramente, para a casa da senhora Hughes, a esposa do vaqueiro, para deixar o menino. Depois, à estação para ela apanhar o trem de Great Ormesby.

A hora de fechar a loja já se tinha passado, e a senhora Morgan se esquecera disto, tanto era sua curiosidade e excitação.

— Tem amigos lá, então? perguntou a senhora Morgan terminando de pesar um pacote de frutas secas.

A senhora Price, dirigiu-se ao balcão:

— Errado! Meu William ouviu-a pedir uma passagem para Londres.

Bronwen, que depois de terminar seu dia de trabalho, se dirigia para casa, ficou surpresa em ver que a loja ainda estava aberta. Sorriu e disse boa noite, não muito contente por se encontrar com a senhora Price, a quem ela já conhecia como “a intrometida” da cidade.

— Estávamos conversando, irmã. Queríamos saber se você já ouviu as novidades. Como amiga dos Gowers e convidada de honra do aniversário de David...

Certa de que nada escapava deste “local de notícias”, Bronwen perguntou calmamente:

— Que novidades?

A senhora Price respirou profundamente e anunciou:

— Ela se foi. Deixou seu marido e o menino.

Quase que desmaiando, Bronwen disse:

— Não acredito nisto!

A outra mulher insistiu:

— É verdade e é por isto que estou aqui em pé até estas horas. Já há comentários e críticas a respeito deste caso.

Bronwen encarava seriamente a senhora Morgan, esperando por alguma intervenção, mas, esta permaneceu em silêncio.

Bronwen, não sabia muito bem o que se passava. A senhora Morgan, resolveu, então, contar-lhe o sucedido, falando tão alto que Bronwen dificilmente a reconheceu:

— A senhora Gower vai para Londres e chegamos à conclusão de que ela vai abandonar a família.

— Por que ela não pode ir a Londres? Ela é londrina, seus amigos estão lá e talvez seus pais também morem lá. Pode ser que alguém por lá esteja doente, ou que tenha ocorrido uma, morte repentina. Vocês não sabem e eu também não sei. A única coisa que sei é que já começaram com rumores maliciosos!

Caminhou por entre a loja, por detrás do balcão e subiu para o quarto. Essa foi sua única reação diante delas, mas viu que estava trêmula.

Bronwen não conseguiu dormir nesta noite. Mantinha a imagem de uma criança chorando, por causa da partida precipitada de sua mãe.

Falou com Morwen Lewis para tentar descobrir alguma coisa sobre o caso,

e o que soube através da professora é que David não tinha ido à aula, mas por ser feriado.

De repente ouviu vozes agitadas e a, senhora Morgan chamando por ela:

— Irmã, venha depressa, por favor!

Imediatamente apanhou sua mala, pois pensava que era algum paciente, colocou seu casaco e desceu as escadas correndo. Encontrou Owen Gower na sala de estar e atrás dele, com olhar choroso, estava David. Seu olhar automático e profissional logo notou uma mala na porta, e uma outra pequena, suficiente para uma criança.

Ela gaguejou:

— Rhona? Sua esposa...

Owen abaixou a cabeça com um ar sério:

— Vou atrás dela, irmã. Não tenho mais ninguém aqui a quem me dirigir. Cuide do menino.

## CAPÍTULO V

Bronwen fitava Owen, com dificuldade para acreditar no que lia em seus olhos. Então, ela sacudiu a cabeça, vagorosamente:

— Senhor Gower, não posso acreditar que...

Ele não lhe deu tempo para terminar.

— Irmã, o que mais?

Virou-se para a senhora Morgan, continuando a falar:

— Apenas por um ou dois dias, para que eu possa me entender com Rhona. Ela foi para Londres.

A senhora Morgan cortou a conversa seriamente?

— Sim, senhor. Gower, nós sabemos.

Ele continuou:

— A esposa do vaqueiro, a senhora Hughes, está doente, por isso não posso deixar o menino com ela e nem levá-lo comigo.

David franziu a testa e correu para Bronwen.

Bronwen tentava excluir de sua mente esse contato pessoal com eles. Michael Dawnay já a tinha avisado... Michael! Por que não consultar Michael? pensou Bronwen.

Michael Dawnay chegou cerca de quinze minutos depois e logo se pos a par da situação:

— Agora, David, meu jovem, erga a cabeça e enxugue as lágrimas.

Ele sorriu para a criança, tirou seu lenço do bolso e enxugou-lhe as lágrimas.

— David, disse-lhe Michael, suponha que você fique aqui com a irmã e com a senhora Morgan enquanto eu tenho uma pequena conversa com o seu papai, O.K.?

Owen lançou um olhar para Bronwen e, caminhou em direção à loja. Michael seguiu-o, fechando a porta.

Na pequena comunidade, todos estavam acostumados a lidar com problemas pessoais, mas a associação pessoal de Bronwen com os Gowers era um problema mais complicado.

Michael disse a Gower, hesitando:

— Senhor Gower, penso que a irmã está certa em pedir que eu fale consigo. Não pense que estou interferindo, mas, é sempre mais fácil para um espectador solucionar os problemas do que...

Ele fez uma pausa, desejando não parecer pomposo ou antagonista e, depois de alguns segundos, continuou a falar, francamente:

— Sei qual é seu problema e... acredite-me, sinto-o tanto quanto você. Será que não o ajudaria mais, você contar-me o que se passou desde o começo?

Owen lançou um longo e pensativo olhar para Michael:

— Sei que posso confiar em você. De outro modo... Mas, veja por si mesmo. Eis aqui uma carta que ela deixou em casa.

Michael o leu cuidadosamente, notando o endereço de um hotel, que Rhona escrevera na carta:

“UM VELHO AMIGO ME OFERECEU UM EMPREGO COMO RECEPCIONISTA. DESTE MODO, VOCÊ VÊ, OWEN... QUERO VIVER MINHA VIDA. . . NÃO ME PROCURE. NÃO QUERO QUE VOCÊ ME PROCURE SE AINDA ESTIVER AGARRADO AOS TENTÁCULOS DE LLANDYN.”

Michael virou a página, sentindo que não tinha mais nada que pudesse ser dito, mas, arrepiou-se, friamente, quando leu:

“SE VOCÊ NUNCA PENSOU QUE EU PUDESSE FAZER ISTO, PERGUNTE À BRONWEN PARRY. ELA É A ÚNICA QUE PODE EXPLICAR.”

— Não sei o que ela quer dizer, doutor, disse Owen com um tom de voz forte.

— A irmã estava conosco no aniversário de David, tão contente; não se falou nada a respeito disso.

Michael tentava pensar claramente: “Sou um médico. Estas coisas não fazem parte da minha profissão. Mas, o menino? É a causa de eu estar aqui. · Com o coração cheio de amor, Michael não sabia em quem acreditar e perguntava a si mesmo: “Em que acreditar?”

Finalmente, Michael falou com uma voz firme e controlada:

— Uma coisa é certa: a irmã Parry não deve ser envolvida neste caso. Levarei o menino. Minha mãe gosta de cuidar de crianças.

Owen, interrompeu-o ardentemente:

— Então, você também pensa o pior?

— Não é da minha conta... mas, o menino, sim. respondeu Michael decididamente.

— Não é hora para se fazer inquéritos, senhor Gower. Você deve ter tido uma noite de insônia e tudo deve lhe parecer confuso. Tenho certeza de que deve existir uma explicação mais lógica para a conduta de sua esposa.

Mas, que outra razão poderia existir? Bronwen?

— Bem, senhor Gower, disse Michael tentando terminar a conversa, o senhor, naturalmente, vai querer seguir seu caminho. Tenho certeza de que David não achará que minha mãe é um monstro!

Owen balançou a cabeça:

— Fico-lhe grato, doutor, por sua bondade. Sua fisionomia se transformou com a emoção que sentia e ele começou a falar em Welsh, traduzindo para que os outros entendessem: “Falo com o coração e com minha língua nativa. A irmã é inocente, nenhuma palavra ou ação errada.” Com o coração partido, Michael retomou à sala de estar com Owen.

— Para Daneswall Hotel, senhor, disse Owen ao motorista londrino.

Owen sentia a cabeça pesada por não estar acostumado com o barulho do tráfego de Londres. Pensava: “Rhona, volte para mim.”

— Pois não, senhor? perguntou o recepcionista do hotel.

— Penso que a senhora Gower esteja empregada aqui, não?

— Sim, senhor. Ela acabou de chegar, justamente nesta manhã. Mas,

acredito que começará a cumprir seu trabalho somente na próxima semana. Ela tem um quarto no hotel.

— Então vá ver se ela está lá. É um caso urgente. Sou seu marido.

Com este tom autoritário, Owen fez com que o recepcionista fizesse imediatamente o que ele pedira.

— Ela descerá dentro de um momento, senhor.

Sua agitação aumentava, quando uma voz atrás dele o chamou:

— Owen, você está perdendo seu tempo.

— Rhona!

Ela riu e continuou a provocar-lhe:

— Você parece um, peixe fora d'água.

Ele respondeu ansiosamente:

— Quero falar com você, mas, não aqui.

Dirigiram-se para fora do hotel:

— Isto é uma loucura! Esta fumaça de petróleo, este barulho, tudo!

— Você é que me forçou a fazer isto, fechado com suas poesias e com sonhos. Um estranho e não um marido.

O olhar de Owen estava sério e raivoso:

— Está bem! Se você quiser continuar a falar, pelo menos vamos encontrar um lugar para sentar.

Poucos minutos depois, sentados num bar:

— Bem, Owen, você está bem longe de casa.

— Num outro mundo, respondeu Owen, mas, não longe de Rhona. Eu sei.

Ela riu ironicamente:

— Nem meu também! Embora tenha crescido neste mundo!

Ela acendeu um cigarro, meia sorridente:

— Sinto-me segura aqui. Se você fizer alguma cena aqui, ninguém ligará ou se importará. As pessoas daqui tem muito o que fazer nas suas próprias vidas.

— E nossas vidas? A sua, a minha, a do menino?

Ele pegou a carta e colocou-a sobre a mesa, apontando para uma linha: “Pergunte a Bronwen Parry. Ela é a única que pode explicar.”

— Oh, Owen, por que você teve que ler isto?

Ela começou a falar num tom excitante, que ele conhecia muito bem. Ele ouvia incredulamente, com o coração partido, como se ela tivesse desdobrado os trabalhos curiosos de sua mente.

A tensão aumentara em Trefion, desde o momento em que Michael Dawnay tinha levado o menino para sua casa. Na hora do almoço, a senhora Morgan permaneceu silenciosa e incomunicativa, e, à noite, Bronwen tinha certeza de que ela já tinha sido “comentada” entre os Morgans.

Ela ligou o rádio, mas havia uma discussão e ela não pôde concentrar-se.

Desligou-o e permaneceu em pé, perto da janela, olhando firmemente para fora. Como num impulso, desceu as escadas e, contrariamente aos seus costumes, bateu na porta da sala de estar. Quando entrou, deparou com o olhar surpreso da senhora Morgan.

Bronwen explicou com pouca firmeza:

— Sinto muito. Não sei por que fiz aquilo, mas, esta é uma ocasião diferente.

— O menino? Você está preocupada com ele, irmã? perguntou-lhe a senhora Morgan.

No seu trabalho, Bronwen precisava ser competente e ter confiança no que fazia. Muitos dependiam dela. Mas, agora, sentia necessidade de ter algum contato com essa mulher, velha, suficientemente para ser sua mãe.

— Sim, senhora Morgan. Estou preocupada com o menino. Só ficarei feliz quando esta família estiver reunida.

— Não será tão logo!

Bronwen chocou-se com o tom de sua voz e respondeu corajosamente:

— Ele não é culpado por isto. Sua esposa se foi, Deus sabe porque, e...

— Desculpe-me, irmã. Quero que Ivor me corte algumas flores.

Ela parecia tão diferente da mulher amiga que a tinha recebido no seu primeiro dia em Trefion. Mas, tentando convencer a si mesmo de que era pura imaginação, perguntou:

— Senhora Morgan, o que há de errado? Entre nós duas, quero dizer.

A velha senhora parecia embaraçada:

— Uma pergunta correta, merece uma resposta correta. Mas, não é tão fácil.

Ela tornou a sentar-se, evitando os olhos de Bronwen:

— É algo que ouvi dizer, mas, me envergonhei do que ouvi. Owen Gower estava lá em cima com você. A inveja, uma doença — ele disse — como poderia ele esquecer esta desavença entre você e Rhona? E David?

— Rhona sente ciúmes de mim? Você pensou que Owen Gower e eu...

A voz de Bronwen quase desapareceu. Continuou a falar depois que se refez do choque:

— Você pensa que houve algo entre nós? E, agora, joga isto por cima de mim!

Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Oh, como você pode ser tão injusta, tão cruel?!?!

Fez uma pausa e acrescentou com dignidade:

— Se ele fosse esse tipo de homem ou então, por outro lado, se eu fosse esse tipo de mulher!

Foi para a porta e virou-se:

— Senhora Morgan, sou-lhe grata por tudo que fez por mim. Mas, preciso mudar-me daqui, logo que me for possível...

A outra mulher, moveu-se rapidamente em direção a ela, colocando suas

mãos em seus ombros:

— Oh, Bronwen, querida. Como você é temperamental! Como poderia eu censurá-la? Tenho agido loucamente, poderia ter-lhe contado isso antes e, então, poderíamos ter conversado mais abertamente. Esqueça. Entre e sente. Quero falar com você.

Olhou para Bronwen, com as feições de uma pessoa zelosa:

— Oh, Bronwen adorável, como é bom tê-la aqui conosco. Ivor é ótimo marido, mas, sabe, não é? Como não temos nossos próprios filhos, começamos a pensar em você como uma filha. Uma mulher tola, você poderia dizer, mas, as coisas do coração não podem ser escondidas. Eu já era crescida, quando você nasceu, assim sendo, sou suficientemente adulta para falar por nós duas. O doutor levou a criança consigo, e, penso que as coisas devem continuar desta maneira.

Bronwen acrescentou sentidamente:

— Uma mulher nociva, essa Rhona Gower. E, seu marido, um homem perigoso.

Presentemente, parecia que não havia mais nada a ser dito. Bronwen retornou ao seu quarto. Era verdade, cada palavra... As sombras da noite vieram, mas ela permaneceu sentada com o rosto entre as mãos.

Quando foi para a cama, pensou que não conseguiria dormir, mas, sentia-se tão exausta que dentro de poucos minutos adormeceu. Mas, repentinamente, um barulho a acordou. Acendeu a luz e pegou o telefone automaticamente. Ninguém respondeu. Já ia apagar a luz, quando ouviu novamente, outro barulho, que vinha da janela. Correu em direção da mesma e abriu a cortina. Sob a luz da lua, viu uma pequena figura, com uma jaqueta sobre os pijamas: era David...



## CAPÍTULO VI

Bronwen desceu as escadas rapidamente e ergueu os braços para David, que correu em direção a ela. Ele estava chorando e tremendo de frio. Sem fazer uma só pergunta, levou-o para cima e colocou-o em sua cama.

O barulho fez com que a senhora Morgan acordasse um tanto alarmada:

— Aconteceu alguma coisa, Bronwen? Não ouvi a resposta do telefone.

Bronwen, contou-lhe agitadamente:

— É David. Ele jogou uma pedra na minha janela. Está tremendo de frio. Precisa de uma garrafa de água quente e alguma coisa quente para beber. Enquanto isso, tentarei fazer com que o doutor Dawnay saiba.

O menino tinha se coberto quase todo. Via-se apenas sua cabeça.

Bronwen, falou-lhe gentilmente:

— David, querido, assim você se sufocará.

Dentro de poucos minutos, apareceu a senhora Morgan com uma xícara de chocolate e uma garrafa de água quente.

Viu o olhar perturbado de Bronwen:

— Perturbada ainda, irmã? Trouxe-lhe seu chocolate, alguns biscoitos e uma barra de chocolate, também.

— Tome seu chocolate, disse-lhe Bronwen.

— Assim que você terminar de tomar o chocolate, quero uma explicação, disse-lhe Bronwen ternamente.

Ele bebeu obedientemente.

Ela entregou a xícara vazia para a senhora Morgan, deu os biscoitos para David e colocou a barra de chocolate na mesinha ao lado da cama!

— Agora, David, por que você fez isto?

— Estou esperando. Meu pai disse que era para eu vir aqui e, eu não quero atrapalhar vocês. Posso ajudar a senhora Morgan na loja. Uma vez ela me deixou ajudá-la, quando eu era bem criança, disse David num tom adulto.

— Você é um menino muito levado. Devo telefonar ao doutor Dawnay e dizer-lhe o que está acontecendo. Não sei o que ele dirá.

Michael Dawnay ficou alarmado ao saber da notícia e queria ir lá imediatamente. Mas, Bronwen acalmou-o, dizendo que não era necessário. Ele concordou em esperar até de manhã.

Assim que ela desligou o telefone, David perguntou-lhe:

— Ele estava muito zangado?

— É tarde. O doutor está cansado e nós também. Coma seu chocolate depressa e trate de dormir.

Na manhã seguinte, quando Michael chegou, conforme prometera, David ainda estava na cama, com uma bandeja que continha seu café da manhã sobre os joelhos. Aparentemente, ele não parecia estar sofrendo nada de sua aventura na noite anterior.

Os Morgans estavam ocupados abrindo a loja, e Michael desceu para a sala

de estar para falar com Bronwen.

— Bem. Bronwen, penso que seria melhor para, o menino continuar aqui. Eu a avisei para que não se envolvesse no caso, disse ele calmamente.

Sentiu vontade de contar-lhe o que lera na carta de Rhona Gower, mas, simplesmente, acrescentou, lamentosamente:

— Eu também sinto o mesmo.

Ela respondeu com a voz um pouco rouca:

— Não se trata de zelo profissional, doutor. Eu gosto do menino, gosto muito dele.

Ele respondeu seriamente:

— Sim, Bronwen. Eu sei.

Ele dirigiu-se à porta, e, com hesitação:

— Espero somente que essa tormenta logo termine para nós e de maneira razoável. Não haverá paz para nenhum de nós enquanto ela estiver fora de Trefion e mantê-lo em Londres.

E, acrescentou fortemente:

— Não pode ser cedo demais para mim!

A partida de Owen Gower e sua demora para voltar, movimentavam “comentários” na cidade. E, Michael fora chamado por um dos rivais de Gower, que estava doente. Era um homem forte e musculoso, casado com uma mulher magra e um tanto desajeitada. Logo, começou a fazer-lhe perguntas:

— Um caso estranho, não doutor? E Gower está agindo como uma criança!

Michael costumava ter bom humor e falar pouco:

— Seria melhor que o senhor não falasse, senhor Jones. Isto tornaria meu trabalho mais fácil. A enfermeira ficará zelando pelo senhor esta manhã. Ela já sabe o que fazer.

— Tem alguma coisa para ver por aí à fora, eh, doutor? A irmã Bronwen trará um pouco do brilho solar.

Enquanto Michael prescrevia a receita.

— Posso cuidar de mim mesmo doutor. Não preciso da enfermeira.

Michael respondeu com a mesma força:

— É muito pesado para o senhor lidar com isto sozinho.

— Não quero esta mulher aqui, respondeu a esposa de Jones. Ela é muito falada... ela e Black Gower. Sua esposa foi embora... E, agora ela está com a criança...

Era a velha batalha entre Trefion e Llandyn.

Entretanto, com muita rapidez, Michael colocou sua mala em cima da mesa e:

— A irmã Parry tem progredido cada dia mais em seu emprego. E quanto ao caso desta criança estar com ela, é um caso à parte. É o desejo de seu pai e meu também, senhora Jones. E, não torne a situação mais difícil para mim também, o único inglês.

— Muito bem, doutor... já que o senhor insiste.

Foi para casa guardou o carro e sua mãe apareceu na porta para saudá-lo:

— Michael, finalmente! Você deve estar cansado!

Entraram para a sala de estar, Michael colocou-se confortavelmente numa cadeira de braços e:

— Como você está certa, mamãe.

Mais tarde, na hora do jantar, sua mãe notou que ele não procedia da maneira costumeira. Não sorria, não olhava para ela com o sorriso que ela sempre gostara.

Depois de ter tomado café, ele acendeu seu cachimbo e aproximou-se das janelas que estavam abertas.

— Trabalhos pesados nunca matam, era o que dizia seu pai. Mas você está com a fisionomia de um morto. O que é, Michael?

— O que me preocupa, mamãe, não são as doenças, nem seus sintomas, nem as dores. São... as pessoas: Trefion contra Llandyn, Rhys Jones contra Black Gower, sua esposa contra Bronwen ...

Ele parou de falar e:

— Nunca pensei que fosse me envolver em batalhas locais. Oh, vamos esquecer isto. É apenas uma tempestade num copo d'água.

— Você... pode esquecê-la?

— Ela?

— Sim, Bronwen Parry. Será, Michael se você realmente o quiser, será!

Ela gostava de Bronwen e sentia que era o tipo ideal para ser a esposa de um médico.

— O que é isso, Michael? É claro que você pode dizer-me, não é?

Era a carta de Rhona.

— Não, mamãe, você sabe que devo manter a boca fechada sobre a minha profissão.

Bronwen continuava a fazer a si mesma esta interminável pergunta. “Quando virão os pais de David?” porque, ninguém sabia...

Sentada ao lado dele e alisando-lhe os cabelos:

— Bronwen?

— Sim, David?

— Meu papai... Falou David com os lábios trêmulos.

Ela beijou-lhe docemente, murmurando:

— Vá dormir, meu querido. Logo seu papai estará em casa.

Fechou as cortinas e foi para o seu quarto. Ela sabia o quanto este menino merecia seu coração. Pensava nele enquanto trabalhava, enviava mensagens para a senhora Morgan, pensava nas suas atividades diárias. Lembra-se sempre das palavras que um amigo do hospital lhe dissera: “Dando seu coração às crianças, você sempre será recompensada.”

As montanhas se estendiam na glória do pôr do sol, misteriosas, sombrias e brilhantes, O mundo de Owen Gower, o universo de Owen Glendower, o poeta... Mas Bronwen sabia, no fundo de sua alma, que não teria paz enquanto ele não voltasse.

Owen Gower estava, de copo na mão, no canto de um grande e barulhento estúdio, perto do aterro de Chelsea. Era uma festa dada em sua honra, por alguns amigos de Rhona. Owen ouvia a conversa sofisticada de seus amigos e lançava olhares para Rhona.

— Ela traz vida em todas as festas, disse um dos amigos de Rhona. Façamos um brinde a ela.

Owen acompanhou-os, entendendo a simpatia que tinham por ela. Já há uma semana que estava em Londres, hospedado numa pequena casa, perto do Hotel Daneswall.

O orgulho de Owen, era algo que endurecia e silenciava um tanto com a festa. Com sua maneira persuasiva, dirigiu-se ao senhor Conway, um dos amigos de Rhona, que fez o brinde a ela.

— Senhor Conway, não sei o que o senhor faz. Mas, quando me decidi a seguir Rhona para Londres, acreditei que poderia persuadi-la a voltar.

Philip Conway acendeu um cigarro e:

— E, então? perguntou ele prontamente.

Owen colocou seu drink na mesa, sem prová-lo:

— Tenho visto o procedimento de Rhona, como ela responde para todos. Sinto que não há mais esperança para o caso.

A extravagância desta afirmação foi compensada pelo sorriso sincero e ligeiro de Philip Conway.

Owen, gesticulando, perguntou:

— Conway, este é o seu mundo também? Diga-me qual é a solução.

O artista sacudiu a cabeça e então, Rhona acenou para ele. Ele respondeu:

— Ela é a quem você deve perguntar, e não a mim.

Ela juntou-se a eles:

— O que é isto, Phil? Um retrato, por um acaso?

Ele riu e:

— Certamente, espero que você pose para mim. Se seu marido concordar, naturalmente.

— Quando podemos começar? Poderia posar para você na quarta-feira; é meu primeiro dia livre.

Ela falava com entusiasmo, lançando olhares com o canto dos olhos para Owen.

Houve um momento de silêncio e, então, o artista disse, sorrindo levemente:

— Seria melhor perguntar ao seu marido, Rhona. Ele não é um homem que deva ser contrariado.

Depois disso, Conway retirou-se da sala do estúdio sentindo que já tinha

dito o suficiente. Rhona terminou de tomar seu drink, enquanto fitava seu marido:

— Bem, Owen, está se divertindo?

Ele gesticulou impacientemente:

— Você sabe que eu detesto isso. Vim somente porque...

Ela terminou, em alta voz:

— Porque é sua a festa. Você parece ter esquecido isto.

— Não me esqueci de nada.

Sua voz estava baixa e calma:

— Rhona não posso suportar isso. Volte comigo para Trefion, para nosso filho.

— Oh, David! Por que você teve que me fazer lembrar dele!

Owen colocando sua mão no braço de Rhona:

— Pelo menino, Rhona; por ele... se não for por mim.

Ela virou-se e, com os lábios trêmulos:

— Não posso, Owen. Não quero. Volte para seu vale e para as suas montanhas. Volte para seu filho e para sua preciosa irmã Parry. Divida sua vida com ela!

## CAPÍTULO VII

— Você deve estar louca! Não sabe o que está falando! gritou Owen incredulamente.

— Sim, louca. Louca, por ter sido tão cega, tão confiante, gritou Rhona. Eu vi tudo. Você e Bronwen Parry conversando nessa língua e a maneira que você olha para ela, a maneira que ela cuida do menino... Está bem, Owen, continuou Rhona, volte para ela, volte para sua enfermeira. Ela é o que você merece.

Owen não sabia como lidar com ela. Michael Dawnay, sozinho, já tivera a força, a vontade e a personalidade de tentar terminar com a selvageria de Rhona e devolver-lhe a saúde. Mas, agora, não havia nenhum doutor Dawnay, ninguém a quem ele pudesse recorrer.

Philip Conway, desculpando-se no seu grupo de amigos, interrompeu a conversa dos dois:

— Ei, vocês dois estão quase que brigando! Assim terei que mandá-los embora!

Rhona suspendeu os ombros e respondeu com certo controle:

— Não está acontecendo nada que mereça ser lutado, de modo algum! Estou mandando-o embora para Wales; não há nada para ele aqui.

— Isto não resolve, Rhona, disse Conway firmemente. Há uma criança a ser considerada.

Ela respondeu numa voz grave:

— Estamos cuidando disso. Há alguém muito mais conveniente para ele e eu já lhe disse isto.

Ela estava como uma criança fascinada por um brinquedo perigoso e ainda com medo de brincar com ele.

Philip Conway esperou apreensivamente por alguma resposta, mas ninguém respondeu. As palavras de Owen, devem ter sido faladas em sua própria língua, e precisavam ser traduzidas.

Philip sacudiu sua cabeça, delicadamente:

— Não, Rhona, não há tempo algum para decisões apressadas. Pense...

— Apressada?! Não me faça rir. Depois de todos esses anos... respondeu Rhona, subindo a voz repentinamente.

— Com um ser humano eu posso lutar, mas com um homem que se imobiliza por causa de uma cidade sem esperanças, como se fosse um amor perdido, é mais do que eu posso suportar.

Em vez de Owen responder no mesmo tom:

— E, eu nunca brigaria para conservar-me ao lado de uma mulher, cujas escolhas são estas: entre o marido e criança.

E, com o olhar excitado, ele caminhou em direção à porta.

Com lágrimas nos olhos, ela murmurou:

— Owen, volte.

— Vá atrás dele, Rhona, disse Philip Conway. Não o deixe ir assim.

Mas, ela gritou:

— Não, Philip. Por que?

Bronwen tinha terminado de atender seu último chamado do dia e foi para casa, para se encontrar com David, que a esperava, como sempre. Ele acenou-lhe e correu em direção a ela.

— Hello, querido. Esperou muito tempo?

Como de costume, David tinha alguns casos para contar-lhe: as brincadeiras com os amigos Myfanwy e Huw; a ajuda à senhora Morgan na loja para embrulhar os pacotes prontos para serem entregues; uma porção de atividades que absorviam o menino.

Mas, repentinamente:

— O que é isto, querido? Hoje você está tão quieto!

Seus lábios tremeram:

— Ele está voltando... meu pai. Ele telefonou para a senhora Morgan.

Bronwen, sentiu um aperto na garganta quando soube da novidade.

Ele a observava, com um pouco de admiração, como se esperasse por alguma resposta quando ela, perguntou:

— Sua mãe vem também?

— Não, Bronwen. Somente meu pai. Oh, sou um infeliz. O que vai acontecer comigo?

Ela o pegou pela mão e levou-o para dentro.

No quarto, pegou os brinquedos que Danway comprara para ele e:

— Agora, David, veja se você pode fazer com que o carro vermelho ganhe, enquanto vou trocar algumas palavras com a senhora Morgan.

— Gente! Ivor trabalhando no jardim, o telefonema de Black Gower anunciando sua volta justamente quando estou ocupada com os clientes.

— Você, sabe, Bronwen? O menino contou-lhe? perguntou a senhora Morgan.

— Sim. Ele está terrivelmente perturbado.

— Somente ele virá. Nenhum sinal de sua mãe. Deverá chegar no trem das quatro. Black Gower com seus modos imundos! Tudo estava tão calmo sem ele!

Bronwen a conhecia muito bem e sabia que a conversa não pararia neste ponto.

— Agora, irmã, lembra-se da nossa pequena conversa? A criança deve voltar para seu pai e, por favor, nada de corações partidos. Isto tinha que acontecer!

E guardando o espanador numa gaveta, Gwenna Morgan continuou a falar:

— Nós três fizemos o que pudemos; nós quatro, contando o doutor. Agora, é a vez de seu pai.

A senhora Morgan não pôde conter as lágrimas:

— Oh, será triste para nós sem ele; um pedaço de meu coração se vai com o menino. O seu também, irmã. Isto é porque eu me aflijo.

— Não fique zangada comigo irmã continuou a senhora Morgan, mas quis deixar bem claro porque não podemos continuar com o menino. Falam demais na cidade... sua mãe fora e você encarregada dele...

Bronwen interferiu:

— Oh, como você pode pensar tais coisas?

A senhora Morgan colocou sua mão no braço de Bronwen, e com simpatia:

— É o melhor, minha querida. Esqueça o que aconteceu. E, agora, nada de lágrimas.

Os lábios de Bronwen tremiam e por um momento ela não pôde responder. Então, ela murmurou:

— Eu... eu sinto muito... — e tentou sorrir.

Tentava tirar fora de sua memória as imagens de Londres, mas, não conseguia, pois simbolizava Rhona.

No caminho de volta para Wales, a cena com Rhona atormentara Owen, tanto que ele se sentou, abstratamente, num lugar, no canto.

\*\*\*

— Que mau hábito, Gower, falando sózinho.

Era Rhys Jones.

— Rhona não está com você? Voltando com suas próprias pernas, eh?

Mas, Rhys sentiu-se envergonhado do que disse.

— Desculpe-me por ter-lhe falado dessa maneira.

A hora da chegada de Owen na loja da senhora Morgan se aproximava.

— Meu pai? Onde está meu pai? perguntou David com excitação.

Rhys Jones colocou seu braço em torno do menino e:

— Seu pai está caminhando para cá. David querido, por que você não vai se encontrar com ele?

David sacudiu a cabeça energicamente:

— Obrigado, senhor Rhys, e correu para fora.

Owen, viu-o correr em sua direção e, de repente, todas as suas preocupações e aborrecimentos pareciam ter sido jogados fora. Colocando sua mala no chão, ele correu ao encontro do filho, com o coração cheio de amor e proteção. Abraçou-o fortemente e sentiu suas lágrimas em suas faces; então, de mãos dadas, seguiram pela cidade.

... Bronwen guardava o carro na garagem pensando na hora em, que Owen chegaria. “Owen já devia estar aqui”, pensou ela. Enquanto subia as escadas, para trocar de roupa, a senhora Morgan correu da sala de estar:

— Black Gower chegou. David foi ao encontro dele.

E contou-lhe da discussão de Owen com Rhys,

Bronwen protestou:

— Rhys não tem o direito de estar fora da cama.

E, com a voz um pouco rouca:



— Oh, senhora Morgan, será que Owen Gower nunca aprenderá?

A outra mulher sacudiu a cabeça e acrescentou firmemente:

— Você vê agora, irmã, como eu estava certa, Você não pode se envolver com um homem como ele. Você tem que pensar no seu emprego, O.K.?

Poucos minutos depois, Owen e o pequeno David apareceram:

— Bronwen! Senhora Morgan! Meu pai está aqui!

Enquanto conduzia-os à sala de estar, a senhora Morgan notou o quanto Owen parecia estar cansado e fatigado, de noites sem dormir, de argumentos infrutíferos.

— Venha juntar-se a nós, irmã, estou preparando chá e alguma coisa para comer.

No seu quarto, Bronwen decidiu não tirar o uniforme. Desceu as escadas apressadamente.

Owen e Ivor Morgan olhavam-se sem saber como quebrar o silêncio. David estava ao lado do pai, fitando-o longamente.

Quando Owen viu Bronwen:

— Foi inútil, irmã. Ela não quis vir.

Ela respondeu com pouca segurança:

— Eu sei, senhor Gower. A senhora Morgan contou-me. Estou terrivelmente sentida.

— Eu só desejava que minha esposa tivesse um pouco mais de consciência e olhou para o rosto do menino coberto de emoção.

Ele empurrou-o cuidadosamente aos braços da senhora Morgan, e disse, então, em voz baixa:

— Uma palavra a sós com a irmã.

A senhora Morgan balançou a cabeça e:

— Venha Ivor.

E os três deixaram a sala.

Depois que eles saíram houve uma longa pausa, e as palavras de Rhona vieram-lhe à cabeça: “Vá para sua preciosa irmã Parry! Deixe que ela faça parte de sua vida!”

— Oh, como ela pôde fazer isto, irmã? Você nunca faria isto — abandonar marido e filho!

— Nunca, senhor Gower, nunca!

Ela não podia conter a emoção que a dominava e seus olhos estavam cheios de amor.

## CAPÍTULO VIII

Owen Gower fitava Bronwen com uma estranha concentração.

Ela não sabia que as palavras de Rhona soavam nos seus ouvidos; de que tinha um desejo repentino de pôr fim a esta batalha; por segurança e pela criança.

Então, ela falou calmamente, como enfermeira:

— Não o ajudaria contar-me tudo, senhor Gower?

— Sim, mas, ninguém pode abrir meu coração.

A toda hora as palavras de Rhona lhe vinham à mente: “Deixe que sua preciosa irmã Parry faça parte de sua vida.”

Sua vontade era de falar francamente, mas, esperava o momento em que ela revelasse o seu coração. “Ela era tão jovem, tão vulnerável, e já carregava o peso de seus conhecimentos”, pensou Owen.

— Agora, tenho muito trabalho, irmã, disse Owen. Agora mais do que nunca preciso pensar no menino. Terei que desempenhar o papel de mãe e de pai. Não é fácil entender isto. Eh, Black Gower fazendo o papel de uma mulher! disse ele com um pouco de humor. Sei que sou útil, continuou Gower, cozinhando, fazendo as refeições, quando minha Rhona não se sentia bem... disse ele com emoção.

Para acabar com sua emoção, Bronwen perguntou-lhe:

— Será isto suficiente? E o menino? Onde ficará o dia todo com você fora de casa?

— Ele ficará comigo. Daí Evans não recusará.

— Ele ficará fora de casa com qualquer tempo?

— Meu filho não é nenhum doente e pode ser que ele possa ficar na casa da fazenda, embora não tenha ninguém, pois a senhora Evans trabalha fora para cuidar de seus afazeres. Depois, ele irá almoçar ao meio dia. Irei buscá-lo depois do trabalho. Você tem sido muito boa, irmã. Os Morgans também. Sou-lhes muito grato, mas, agora está tudo bem.

Ele foi até à porta e abriu-a:

— Terminei, senhora Morgan e sinto tê-la perturbado.

— Pena eu não ter podido ter feito mais pelo menino, mas, você compreende, não é?

— Claro. Você foi ótima. Já disse isto para a irmã.

Ela falou um pouco impulsivamente:

— Oh, é tão agradável ter uma criança em casa. Agora, ele está com Ivor; nós sentiremos falta dele.

Ela parou de falar e, um pouco sem graça, acrescentou:

— O chá está pronto. Sente-se que eu irei chamar os outros; penso que será agradável tomarmos chá juntos.

Depois de terem tomado chá, Bronwen insistiu em levar Owen e David para casa.

Foi um percurso silencioso pela estrada montanhosa e com vento. Owen olhava firmemente para frente e Bronwen desejava saber o que ele estava

pensando.

Assim que chegaram:

— Volte mais vezes David querido. E, amanhã, seu café da manhã será preparado por seu pai.

Owen saiu do carro e apanhou as duas malas; Bronwen seguiu-o com a mala do menino.

— Nós tornaremos a nos ver. Fique com seu pai, nos campos, se chover na casa da fazenda...

David plantou-se na frente do pai e, como um segundo Black Gower:

— Não quero. É um lugar feio e não há ninguém lá. Vou para a casa da senhora Morgan ajudá-la na loja. Peça ao papai, irmã!

Owen respondeu com uma severidade que não lhe era de costume:

— Calma, menino. A irmã já tem muito trabalho. Não torne as coisas piores!

Ela segurou David apertadamente:

— Você é um bom menino. Faça como seu pai diz.

Owen abriu a porta da frente e colocou a bagagem dentro.

— Entre, David. Estarei com você dentro de um minuto. Mas, antes, diga até logo para a irmã, e agradeça-lhe.

Quando David entrou, ela contou a Owen:

— Assim que soube que você voltaria providenciei os mantimentos que vocês precisarão.

— O que nós faríamos sem a nossa, enfermeira distrital! — disse ele segurando-lhe a mão. — Sou-lhe grato por tudo que fez, muito mais grato do que... Não consigo dizer com as palavras.

Seus dedos se apertaram sobre os dela e ela sentiu uma emoção diferente. Depois, virou-se e foi quase que cegamente para seu carro.

Bronwen sentia-se cansada, quando guardava o carro pela segunda vez neste dia. Assim que entrou para dentro de casa, a senhora Morgan surgiu correndo na sala de estar:

— O doutor telefonou, irmã. Deixou recado. Disse que não é nada urgente e que gostaria de trocar algumas palavras com você.

Ela forçou um sorriso:

— Oh, querida, não há paz para os doentes! Queria saber o que ele quer.

A senhora Morgan respondeu:

— Espero que não seja nada de aborrecido. Ele perguntou pelo menino e eu lhe contei as novidades. Tudo bem com eles? Nada de lágrimas?

— Detestei ter que dizer-lhe adeus. Pobre menino!

A senhora Morgan olhou-a firmemente:

— Agora, irmã, limpe suas mãos. Não se preocupe mais com eles e eu também. “Todos os olhos” observavam Black Gower no pequeno carro preto da irmã.

Bronwen respondeu precisamente:

— Isto não é problema deles.

— Nem meu também, respondeu a senhora Morgan. Mas, eu ficarei com alguma culpa, você verá.

Bronwen acrescentou com um sorriso:

— Nunca se esqueça de que foi um ato bondoso de nossa parte.

Na casa branca da praça, a senhora Daway atendeu a porta e conduziu Bronwen para a sala de estar:

— Sinta-se à vontade, minha querida. Ele não deve demorar.

Pouco tempo depois, chegou o doutor Dawnay:

— Eu não a culpo!

Sentou-se e tirou o cachimbo de seu bolso. Aparentemente, era um homem jovem, extrovertido, cujos olhos não perdiam nada. Colocando fumo em seu cachimbo ele observou num tom de conversa um tanto ilusório:

— Então, agora a sua intromissão com os Gowers terminou!

Seus dedos estavam ocupados com o fumo e ela deve ter notado sua insegurança. Esquecendo-se de sua amizade profissional com ele:

— Penso que não, doutor. Há seres humanos e não apenas nomes num caso histórico.

— Para você me dizer isto é porque você me conhece pouco!

Levantou-se bruscamente e dirigiu-se à janela, olhando através do jardim para a cortina de montanhas. E, virando-se para ela, continuou:

— Você conhece a minha história... Disse-lhe desde o primeiro dia... meu pai morreu num acidente. Eu poderia ter-me mudado para um mundo maior, mas, sou feliz aqui e, com toda humildade, irmã, acredito ter feito alguma coisa de bom.

— Você faz parte de suas vidas, ela lhe assegurou.

— Muito, irmã, mas tenho medo. Este homem Gower... e seu filho... seus problemas.

E, falando com uma paixão que ela nunca tinha visto antes:

— Não, não sou eu, Bronwen — você! A infelicidade deste homem, a infelicidade desta criança... Você fez com que isso também fosse sua própria infelicidade.

Ela falou com a voz cheia de emoção:

— Eu sei que devo destruir todas as lembranças! Mas, como?

Ela falava alto, alto demais, para que ele ouvisse — Black Gower!

Ela tremia; Dawnay segurou-a pelo braço:

— Sei que não deveria falar desta maneira, mas quero deixar os fatos claros.

— Tornar o que claro? perguntou-lhe Dawnay.

Ela sentiu um nó em sua garganta e um pouco de humilhação:

— Que... que eu vou embora!

Ele sacudiu sua cabeça.

— É uma loucura! Desde quando você tem pensado nisso?

Ela o encarou seguramente:

— Veio-me à mente repentinamente... há pouco tempo. Mas sei que é o certo, porque é a única coisa que posso fazer! Hoje, quando ele estava na loja, ele leu meus pensamentos explicou Bronwen.

— Não foi muito difícil! Mas, por favor não pense mal de mim! Não queria que isto acontecesse, e, assim como você, tenho sido feliz aqui.

Houve uma longa pausa e ele disse:

— Está bem, Bronwen, se esta é a maneira que você sente que é certa, não há mais nada para ser dito e argumentando com paixão, ele continuou a falar:

— Eu sei que você está influenciada por este homem. Você não é a primeira e não será a última. Mas você é diferente!

— Você acredita realmente que há algo entre nós? Oh, como você está errado.

Ela colocou seu rosto entre as mãos.

Ele hesitou, e, tomando coragem colocou seus braços em torno dela:

— Oh, Bronwen, minha querida, você ainda não adivinhou? Você ainda não compreendeu? Eu a amo, e, penso que desde o primeiro dia que nos encontramos. Não peço que você me ame também; ainda não, mas sim depois que essa loucura terminar.

Depois de alguns segundos de silêncio:

— Bem, minha querida, o que você me diz?

Ela sabia o que responder. Mas, sentiu-se triste porque precisava recusar.

Então, ela respondeu sentidamente:

— Não, Michael. Seria errado para você. Você merece muito mais do que... do que...

— Mais do que ele? Melhor? então você acredita que é real você e este homem?

Ela repetiu sem esperança:

— Real? Real demais. Só posso ver um caminho: ir-me embora.

Ela encarou-o com um ar apelante:

— Não torne os fatos mais difíceis para mim Michael. Estou profundamente emocionada por você ter-me pedido em casamento mas, não adianta você esperar que eu mude de ideia.

— Pelo menos não fuja! Eu compreendo, Bronwen. O que mais haveria de acontecer?

Ele não lhe deu tempo para responder e, terminando:

— Agora, não falemos mais nisto por esta noite. Você deve ter tido um dia cansativo. E eu não tenho ajudado na maneira exata!

Ele foi até à porta com ela e abriu-a para ela. No portão, ele pressionou seus dedos brevemente e, com um sorriso, entrou vagarosamente.

... Owen abriu as cortinas para que a noite iluminasse sua casa. Perto da velha lareira, acendeu um lampião e colocou-o na mesa. David estava sentado numa cadeira com braços, um pouco estragada.

Ciente do olhar de seu pai, ele colocou a cabeça sobre um livro de histórias, que estava próximo a ele.

— Pensativo? perguntou-lhe Owen.

Desde que Rhona se fora, ele e David estavam tendo uma espécie de vida paliante, mas as semanas estavam passando. Rhona não respondia as cartas de Owen, pedindo-lhe que voltasse.

Ele estudava o menino virando as páginas do livro. Não era o David de antes.

De repente:

— Não é em mamãe que penso, papai. Quando você fala dela, eu simplesmente não ouço.

As faces de Owen mudaram de cor:

— Então você não discute quando insultam sua mãe? Sinto-me envergonhado de você, menino.

Os lábios de David tremiam.

— Desculpe-me, David querido. Mas, o que aconteceu hoje para que você tenha se metido numa briga?

O rosto de David tornou-se grave e Owen continuou:

— Nada de aborrecimentos, agora. Já me desculpei na escola com sua professora.

— Oh, sou um estúpido! gritou Owen desesperadamente, quando viu uma mancha de sangue no menino.

— Deixe-me tratar de você. Amanhã eu o levarei à enfermeira Bronwen e ela verá isto e este olho também. Ela...

Ele parou de falar e David gritou entusiasmadamente:

— Era ela — Bronwen... O menino de hoje, na escola, disse coisas horríveis sobre ela e...

As lágrimas escorriam pelo seu rosto:

— Bronwen e você, papai!

— Calma, querido, calma, disse-lhe Owen. Palavras árduas não quebram ossos.

— Oh, papai, eu nunca gostei de mamãe. Eu quero Bronwen. Oh, papai, eu a quero aqui conosco!

## CAPÍTULO IX

Na manhã seguinte, na hora do café, David encontrava-se com a fisionomia ligeiramente abatida. Quando criança, Owen tivera a mãe para cuidar dele e, agora, observando o menino brincar com a comida, ele sentiu o peso da responsabilidade que estava arcando.

Havia somente duas pessoas, às quais ele podia recorrer: Michael Dawnay e Bronwen.

Ele levantou-se abruptamente:

— Depressa, David querido, que chegaremos a tempo de apanhar a irmã, antes que ela saia. Gostaria que ela visse o que você tem. Talvez ela possa dar um jeito em você, disse Owen forçando um sorriso.

Arrumou David adequadamente e colocou o boné escolar no menino. Sentia-se orgulhoso em ver o filho arrumado.

Bronwen estava tomando café, quando ele bateu na porta lateral. A senhora Bronwen atendeu-o e pôde ouvir sua exclamação:

— Senhor Gower! O que aconteceu com a face desta criança?

Bronwen correu para investigar e gritou com admiração:

— Andou brigando? Seria melhor que eu desse uma olhada nisso. Como isto aconteceu?

Ela falava com aspecto sério.

David evitava de olhá-la e Owen encarava-a seriamente, que ela acrescentou com um pouco de insegurança:

— Não há necessidade do senhor ficar aqui, senhor Gower. Levarei o menino à escola. É meu caminho.

Ele deu um olhar agudo à senhora Morgan:

— Queria falar com você, irmã.

Ela sentiu-se trêmula:

— Agora não, senhor Gower. Tenho muita pressa.

— Então você está atrasada?

Ela concordou relutantemente:

— Muito bem, se você insiste. Mas, não sei a que horas voltarei; deste modo, seria melhor que você telefonasse para mim, se eu estiver aqui.

Ele inclinou a cabeça:

— Sou-lhe muito grato.

Depois que ele se foi, ela levou David para a sala de estar para cuidar dele. Enquanto ia pegar o carro, a senhora Morgan parou-a:

— Agora, irmã, espero que você seja bastante sensível para evitar esses dois.

Ela gesticulou:

— Senhora Morgan, como eu poderia?

A velha mulher sacudiu sua cabeça:

— Honestamente, não sei...

Bronwen levou David para a escola. As crianças sorriam-lhe e acenavam-lhe na estrada. Morwen Lewis chegou logo e viu a face do menino. Antes que ela pudesse comentar sobre alguma coisa, Bronwen explicou rapidamente:

— Ele teve um pequeno acidente e seu pai pediu-lhe que cuidasse dele.

O menino entrou e, então, Morwen resolveu conversar com Bronwen:

— Você tem coisas na sua mente e eu também. Serei breve, pois sei que ambas somos pessoas ocupadas. Estamos preocupadas com esta criança. Não sei o motivo da briga, mas é preciso ajudá-la.

Bronwen dirigiu-se para o carro. Seus dedos apertavam o volante:

— Eu também não sei, mas tenho o pressentimento de que seu pai vai contar-me e não gostarei de saber.

— Você pode dizer a Owen Gower, de minha parte, que quanto mais rapidamente a situação em sua casa se consertar, melhor. David está taciturno e lânguido. E eu não gosto disso.

Bronwen prometeu falar a Owen assim que se encontrassem e saiu de lá com um ar pensativo. E, numa das paredes da escola, notara alguns escritos, feitos com letras de crianças: BRONWEN AMA OWEN.

... O dia parecia interminável para Bronwen. Era tarde quando ela atendeu a última chamada. Esperava que Owen telefonasse para ela. Assim que guardou o carro na garagem, Ivor Morgan, que estava trabalhando no jardim, veio correndo em sua direção:

— O senhor Gower está aqui, irmã. O menino também. Ele deve estar aqui há cerca de duas horas ou mais. Gwenna está sentada com eles, tomando chá, disse Ivor sorrindo gentilmente.

Ela apressou-se para entrar logo na sala de estar, mas assim que se conduziu até lá, notou a ausência da senhora Morgan e, a resolução que tomara antes de contar a Owen o que sabia, mudou a maneira de agir, mas:

— Vá juntar-se à senhora Morgan David e veja se pode dar-lhe uma mão. Seu papai e eu queremos conversar um pouco.

Na medida em que ele ia se retirando da sala:

— Nenhuma briga mais, então?

Ela fechou a porta e:

— Encontrei um *slogan* escrito com giz na parede na escola: “Bronwen ama Owen”.

Ele colocou sua mão sobre a mesa:

— Isto é monstruoso! Tem que acabar, irmã. Eu acabarei com isto!

— Será que você nunca aprenderá? Procurando por brigas não ajudará ninguém. Procure o motivo disto e assim você poderá ter paz.

Ele a fitou:

— O que você quer dizer com isto?

— Você precisa de uma esposa e a criança precisa de uma mãe. A senhora Gower tem que voltar.



Seus olhos brilharam estranhamente:

— David, não quer a mãe.

— É claro que ele quer a mãe. Toda criança quer uma mãe.

Ele foi para onde ela estava:

— Sim, Bronwen, uma mãe, mas não ela. É você que ele quer.

— Você não sabe o que está dizendo!

— Pensa que estou sonhando? Bronwen, nós precisamos de você, a criança e eu.

Ela sacudiu a cabeça, murmurando:

— Não, não. É impossível.

— O amor pode ser morto e Rhona matou meu amor.

Sua voz estava veemente:

— Está tudo acabado entre nós... terminou. Restam somente as cinzas, disse Owen.

Eram as palavras de um poeta, de um homem de imaginação.

Eu estou certo, Bronwen. Você sabe disto, no fundo de seu coração. Minha querida, não nos abandone; não vire as costas para David na sua necessidade.

Ela protestou em voz alta:

— Pare, Owen. Como você é cruel usando esta criança como uma arma, como uma defesa para si mesmo.

Ele sacudiu sua cabeça:

— Isto não é verdade. Você sente como eu. Esta é a sua terra; nós falamos a mesma língua. Ela é uma alienada, alguém de fora. Isto não é deslealdade; é um fato óbvio. Eu dei a ela todas as oportunidades. Tenho sido paciente.

A enfermeira sensível, falou veementemente:

— Paciente! Nenhum de vocês conhece o significado da palavra paciência. Você deve ir a Londres e dizer à sua esposa que se ela não retornar você tomará alguma medida drástica.

— De que adiantaria? Eu já conversei com ela. Já lhe escrevi cartas, aos milhares, e ela não as respondeu. David e eu estamos mortos para ela. Mas para você não, acrescentou Owen em voz baixa.

Com a voz profundamente emocionada, ele fixou seu olhar em Bronwen:

— Bronwen, diga-me: nós não significamos nada para você?

Ela sacudiu a cabeça, com os olhos brilhando por causa das lágrimas:

— Oh, não Owen. Você sabe o que você significa para mim; você soube disto, desde o dia que você voltou de Londres. Não pude esconder isto. Mas, você é o esposo de outra mulher e, por isso, não pode haver nada entre nós. Eu vou-me embora.

Unindo-se à sua dignidade, ele foi para a porta, abrindo-a:

— Agora, por favor, chame David que nós nos iremos.

\*\*\*

— Bem, Rhona, quando você voltará para este seu marido? Seu retrato está terminado; esta era a sua última desculpa disse-lhe Philip Conway.

Rhona procurava por sua bolsa, para pegar um cigarro. Acendeu-o e perguntou:

— Desculpa? O que você quer dizer com isto? Estou aqui em Londres porque quero. Não preciso de desculpas. Com retrato ou sem retrato, nada me fará voltar para lá.

Philip era um artista, um homem sofisticado. Compreendeu que esta situação não podia continuar. Rhona era uma mulher atraente e que deixara os apertos do casamento. Ela já lhe tinha dito sua maneira de pensar sua própria filosofia.

Ele a olhou ardentemente, antes de observar que:

— Você sabe, Rhona, a situação de uma mulher casada e separada do marido é sempre muito difícil, mormente quando essa mulher se põe em evidência.

— O que você quer dizer com isto?

— Este retrato será o centro de atração na minha exibição nas Galerias Millingdale, no próximo mês. Poderá agravar-lhe a situação. As pessoas vão querer saber quem você é, o que você é.

Seus dedos apertavam, o braço de Rhona.

— Mas, isto não é nada.

— Isto é você quem diz, disse Rhona sorrindo.

Ele não respondeu.

Acendeu um cigarro do pacote que estava na sua mesa de trabalho e:

— Sou sério, minha querida. O trabalho que realizei neste retrato, foi para mim uma nova experiência, uma oportunidade para descobrir algum enigma.

Ela riu:

— Nada de frases filosóficas, Phil. Sofri o suficiente com as frases poéticas de Owen, isto é uma fuga, não se esqueça.

— Você nunca escapará, Rhona, porque você é uma prisioneira de si mesmo.

— Isto não é verdade. Eu já me libertei.

Ele respondeu enfaticamente:

Não, minha querida. O retrato terá novidades de valor, não simplesmente por ser o quadro de uma bonita e sensacional mulher... A esposa de Black Gower, a esposa de Owen Gower, o poeta de Wales.

Ela fez um ar de quem não acreditava, e ele insistiu:

— É verdade, Rhona. Este quadro exhibirá para todo o mundo a arte falada, e ninguém será mais feliz do que eu, se ele estivesse ao seu lado, quando a exibição se abrir, para repartir a glória.

Ela lhe perguntou num tom descrente:

— Trazê-lo para Londres? Colocá-lo no *show*? Que sentimental! Se é assim que você pensa, não haverá nenhum retrato!

Enquanto ela apanhava sua bolsa, as mãos de Philip seguram-lhe pelo braço:

— O que você pensa fazer?

— Ou você tira meu nome fora disto ou eu destruirei sua preciosa obra manual. Pense nisto, Phil. Adeus.

\*\*\*

... No hotel, o recepcionista a chamou:

— Outra carta para você, senhora Gower, com o mesmo selo estrangeiro.

Era uma brincadeira que os dois faziam; “os selvagens de Wales ou os estrangeiros.”

Mas, essa brincadeira, no momento, não afetou Rhona. Ela não conseguia encontrar senso de humor nisso. Pegou a carta e foi para seu quarto.

Ela sempre lia as cartas de Owen. Desejava ter a coragem de queimá-las, fechadas, mas, a influência da família era forte demais. Marido e filho interessados em saber o que ela fazia.

Owen sempre lhe escrevia cartas longas, repletas das coisas de Trefion, para fazer-lhe lembrar-se de lá e resolver retornar. Mas, hoje, havia somente uma folha:

“NÃO LHE PEDIREI QUE VOLTE PARA MIM PORQUE É TARDE DEMAIS. AGORA HÁ ALGUÉM MAIS. SEGUI SEU CONSELHO E QUERO DIZER, QUE COLOQUEI MINHA VIDA NAS MÃOS DE BRONWEN PARRY.”

Ela leu e releu a carta, sem acreditar no que lia e, então um aspecto de cólera ocorreu-lhe nas faces.

## CAPÍTULO X

As mãos de Rhona tremiam. Desceu as escadas rapidamente. O jovem recepcionista do hotel perguntou-lhe:

— Vai sair outra vez, senhora Gower?

Mas, seu sorriso desapareceu quando ele notou a expressão de Rhona.

— O que aconteceu? Más notícias?

Ela voltou-se para ele sem falar uma só palavra e, de repente:

— Depende de como você encara os fatos. Sim, são más.

Correndo, Rhona pediu ao porteiro que chamasse um táxi. Assim que o táxi chegou:

— Paddington!

Não sabia de nenhum horário de trem para Wales, mas sabia que devia voltar para lá. Por sorte, o expresso já estava lá, e Rhona com o excitamento e pressa para comprar o bilhete não teve oportunidade para se aprofundar na dureza da notícia de Owen. Duas pessoas sentaram-se opostamente a ela e tagarelavam sobre suas viagens a Londres. As vozes de Welsh ficavam em sua mente, fazendo-a lembrar-se do mundo alienado ao qual ela estava sendo atraída novamente. Fechou os olhos. Procurava alguma coisa que aliviasse sua dor.

Owen e outra mulher! Pensou Rhona.

Apertava seus lábios para evitar de chorar.

Uma das duas pessoas que estava sentada no lado oposto ao dela, levantou-se e, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe:

— Tudo bem?

Ela acenou com a cabeça:

— Sim, obrigada. Apenas cansada.

Os dois homens que falavam em Welsh recomeçaram a falar:

— Durma você agora. Vou procurar um outro lugar para fumar, disse um deles para Rhona.

Antes que ela pudesse agradecer-lhe, ele saiu em direção ao corredor e fechou a porta.

A bondade desses dois homens trouxe-lhe, inesperadamente, lágrimas aos olhos, e ela murmurou:

— Owen, também.

E começou a pensar em Owen, não como um homem forte, selvagem e até mesmo violento, mas sim como um ser capaz de fazer grandes bondades, e possuidor de uma compreensão mística. Via Bronwen como o único obstáculo entre sua felicidade.

O trem corria através da noite. Rhona passou pó compacto e um pouco de batom e em seguida dirigiu-se ao restaurante do trem. Os garçons notaram suas maneiras diferentes e olhavam-na sorrindo e ela lhes retribuía os sorrisos. Mesmo quando ela desceu em Great Ormerby para esperar o trem para Trefion, notavam seu ar sofisticado e educado, em meio aos outros passageiros.

Assim que chegou a Trefion, já começou a ouvir “certos” murmúrios. Apressou-se em direção à loja da senhora Morgan e:

— Irmã Parry? Quero falar com ela.

A senhora Morgan respondeu:

— Ela está cumprindo suas obrigações, senhora Gower. Não sei onde ela possa estar.

Rhona protestou:

— Não acredito nisto!

A senhora Morgan mudou de fisionomia e:

— Não fale comigo desta maneira, e cerrou os lábios raivosamente.

Houve um murmúrio falado em Welsh e uma mulher dentre a multidão, apontou para ela, falando em inglês:

— Agora, ela veio atrás do marido!

Isso foi o suficiente para que Rhona perdesse o controle e, rodeando a mulher, com os olhos brilhando:

— A irmã Parry roubou meu marido e você espera que eu deixe as coisas como estão? É melhor você encontrá-la ou terá perturbações.

Dirigiu-se ao táxi e pagou William Price, dizendo-lhe:

— Leve minha bagagem para a loja.

Quando retornou à loja, os murmúrios haviam se acabado e reinava um silêncio impressionante. A senhora Morgan, quebrando o silêncio, disse-lhe calmamente:

— Tentarei encontrar a irmã, senhora Gower. Quer entrar na sala de estar, por favor?

Chamou Ivor para tomar conta da loja e apressou-se para o quarto de Bronwen, a fim de telefonar-lhe da extensão, para que Rhona não ouvisse sua conversa. Bronwen estava na casa da senhorita Heather, atendendo a um pedido.

A senhora Morgan dirigiu-se para lá e assim que a viu, disse-lhe agitadamente:

— Irmã, aquela mulher voltou! “Ela está pondo o teto da loja em polvorosa”. Perguntou por você. Você irá falar com ela?

— Rhona Gower? perguntou Bronwen quase que num suspiro.

A senhora Morgan afirmou com a cabeça e seus olhos se encontraram.

Voltaram à loja, onde Ivor atendia aos clientes, prestativamente.

Assim que entrou na sala de estar, Bronwen fechou a porta para evitar mais “comentários”. Seu único pensamento era a mulher sentada numa cadeira, de traços bonitos e ao mesmo tempo selvagens, acusando-a.

Rhona não lhe deu chance para falar:

— Então, ela foi capaz, de encontrá-la! E lançou um olhar em direção à loja.

Bronwen foi em direção a Rhona e disse-lhe:

— Sente-se, senhora Gower e conte-me...

— Oh, eu lhe contarei tudo! E, abrindo a bolsa, tirou a carta de Owen, jogando-a sobre a mesa.

Ela apontava para a carta com um gesto dramático:

— Leia isso!

Ela pegou a carta e, quando terminou de ler, olhou para Rhona e:

— Eu... eu não entendo!

Rhona riu ironicamente e:

— Não pretenda ser inocente comigo, irmã Parry? Pensei que Owen tivesse olhos somente para este lugar, mas, estava errada.

Bronwen respondeu-lhe rapidamente:

— Senhora Gower, não sei nada disso. Não sei do que se trata. Owen...

Ela notou o olhar raivoso de Rhona, ao falar o nome de seu marido.

— Sinto-me feliz por tê-la de volta. Digo isto do fundo do meu coração. Você chegou a tempo de evitar alguma tragédia...

Rhona pegou um cigarro da bolsa e acendeu-o, com os dedos trêmulos. Então, examinou Bronwen com uma expressão curiosa e decidiu confiar nela.

Quando recomeçou a falar, expressava-se com certo controle e calma:

— Você realmente imagina isso? Você pensa que você e Owen...

Ela deixou a sentença inconcluída:

— Oh, não irmã Parry! Você foi, simplesmente, alguém com quem pude conversar, alguém em quem pude me apoiar. E lembre-se, ele é o poeta selvagem de Wales! Você não pode acreditar no que ele diz!

— Você o ama, não é? perguntou Rhona.

Esta pergunta não era esperada por Bronwen, mas:

— Até um, certo ponto.

Ela falara com uma dignidade que fizera Rhona perder seu ligeiro controle:

— Veremos este caso, irmã Parry. Você vem comigo!

Bronwen respondeu prontamente:

— Você não tem esse direito!

— Tenho todos os direitos! Este caso tem que ser resolvido logo e por completo. Não tenho nenhum subterfúgio para meias verdades!

Ela caminhou em direção à porta e disse autoritariamente:

— Venha comigo!

\*\*\*

Owen estava em pé, com as mãos na testa para evitar a luz solar do outono. Comeu alguns sanduíches que fizera naquela manhã, antes de levar David para a escola, e pensou: “este vazio que sinto dentro de mim, acredito firmemente que só poderá ser preenchido por Bronwen.”

O som de um motor de carro cortou seus pensamentos. Owen os viu chegar e correu em direção a elas.

— Rhona! — disse ele agitado. — Então, você recebeu minha carta?

Rhona sorriu alto e sadicamente:

— É claro que sim! Nada me faria vir aqui às pressas, se não tivesse recebido sua carta!

Ele olhava para ela, mas seu coração estava frio e vazio.

— Bem, Owen, o que você tem a dizer? perguntou-lhe Rhona.

Ele sacudiu a cabeça:

— Nada, Rhona. Está tudo na carta.

Ela suspendeu suas mãos, num gesto meio autoritário e perguntou incredulamente:

— O que você gostaria de dizer, Owen, sobre você e essa mulher?

Bronwen soltou uma exclamação de protesto, mas Rhona impediu-a de falar:

— Mantenha-se quieta! Deixe-o falar por si mesmo!

Owen não respondeu.

— Owen! Owen! Fale comigo!

Ele olhou para Rhona e calmamente:

— O que posso dizer?

Rhona mudou sua maneira de falar. Agora, virava-se para ele com humildade:

— Owen, voltei por sua causa, e não por causa de uma barganha, por causa de uma discussão. Estou aqui nos seus termos: para viver como sua esposa, em qualquer lugar que você escolher. Somente desejo estar com você. Isto é tudo que lhe peço.

Seus olhos estavam fixados nos dele. Era um momento de agonia, de indecisão. Mas, de repente, ele sacudiu a cabeça vagarosamente e:

— Sinto muito, minha querida. Mas, é tarde demais!

\*\*\*

Um longo e velho dia irmã. E, você deve estar feliz por tudo ter terminado, disse a senhora Morgan.

— Tudo arrumado, então? Black Gower e Rhona juntos outra vez? continuou a senhora Morgan.

Bronwen não respondeu, prontamente, mas:

— Já há muitas batalhas em Trefion, senhora Morgan. Não sei o fim disto. Deixei-os lá e vim embora.

Ela tinha corrido para seu carro, deixando marido e mulher encarando-se um ao outro.

Durante o resto do dia, trabalhara sem cessar para compensar o tempo perdido e somente agora sua imaginação estava livre para pensar.

— Bronwen, você é como uma filha para Ivor e para mim. Lembre-se. Agora, falo-lhe como mãe. Nada de preocupações fora de seu trabalho, promete-me?

Bronwen deu-lhe um ligeiro olhar e pensou sorrindo: “Bronwen ama Owen”, que havia lido numa parede da escola. Mas, de repente, seu pensamento voltou-se para Michael. Pensou em sua paixão, sua paciência para com ela. Lançou um olhar pelas colunas do jornal, sem notar a presença da senhora Morgan e de Ivor perto dela, quando, bateram à porta. A senhora Morgan deixou o trabalho de lado e foi investigar.

— É Black Gower! disse a senhora Morgan com agitação.

— Tentei impedi-lo de entrar, mas ele insistiu em falar com você. Trouxe a criança consigo.

Bronwen levantou-se e conduziu-se em direção a eles.

— Talvez fosse melhor oferecer alguns doces para David, enquanto converso com seu pai, disse Bronwen significativamente.

— Venha comigo, David querido.

Bronwen fechou a porta:

— Entre. Tenho uma ou duas palavras para dizer-lhe.

Ela usava um tom de voz que jamais usara antes.

— Não sei qual a loucura que o fez escrever aquela carta. Sei somente que vocês podem recomeçar suas vidas. Espero que você tenha convencido Rhona e que não haja nenhuma falta de verdade nisso tudo.

Ele não falou nada e ela acrescentou sentidamente:

— Oh, sinto muito, Owen. Você escreveu aquela carta num momento de desespero, mas você não queria dizer aquilo. Ela voltou para você, como você quer, sem complicações. Você devia ficar em Trefion, mas, é uma vida errada para você e para ela também. Vocês merecem coisas melhores.

Ela continuou a falar, sinceramente:

— Eu entendo, meu querido. Mas, você deve procurar novos horizontes para você, para Rhona e para a criança.

Ela parou de falar, pois percebera que estava falando sozinha. Ele levantou-se e colocou suas mãos nas suas:

— Terminou, Bronwen querida. Mandei-a embora. Ela voltou para Londres.

Ela não conseguiu falar mais nada. As emoções a dominavam.

— Mas, a criança?

Seus dedos apertavam os dela e Owen falou com uma voz vibrante:

— Nós precisamos de você, Bronwen querida. Nós dois. Qual é sua resposta?



## CAPÍTULO XI

— Owen! falou Bronwen num sussurro.

Sabia que isto teria um momento de exaltação, mas seus nervos estavam abalados dentro dela. Sentia-se diferente da pessoa que sempre fora, forte e dedicada ao trabalho.

Ela abriu os olhos e, subitamente o viu, não como a figura magnífica de Black Gower, não como um pai procurando por alguém para que cuidasse de seu filho. — Ela o viu como um ser possuído por um pouco de egoísmo e que mais tarde se arrependeria.

Falou então, com sua voz meio alta e lógica de irmã Parry, com sua voz calma e prática:

— Você entendeu realmente o que aconteceu? Rhona recebeu sua carta e voltou correndo para Wales. E, então, você lhe diz que tudo terminou entre vocês. Oh, Owen, isto é além das forças da natureza humana. Temos que encontrá-la e fazê-la ver que está certa. Nós devemos trazê-la de volta.

Ele deu uma exclamação...

Ela insistiu:

— Sim, trazê-la de volta. Ela é a mãe de David e sua esposa.

Seus lábios tremiam e ela se esforçava para falar calma e decididamente:

— Agora, vamos aos detalhes práticos. A que horas parte o trem para Londres? Será que ela já o apanhou?

Ele passou a mão pela testa:

— Bronwen, você não pensa que ela teria feito algo...

Mas, ele não pode terminar.

Ela o encarou seriamente:

— Seus caprichos, até que ponto vão?

— Isto, somente eu sei — acrescentou Owen com um pouco de remorso. — Jamais permitiria que nossa amizade se tornasse um campo de batalha Oh, Bronwen, o que eu fiz para ela?! Parece que se sentia isolada, esquecida pelo mundo, como se fosse um pássaro com as asas quebradas.

Bronwen, fortificou sua voz e:

— Pare com isso, Owen. Ela precisa de um marido e não de um lutador de causas perdidas, de um poeta.

— Ela tinha uma qualidade que eu adorava nela e que agora é meu desespero.

— Seu desespero?! Você é meu desespero. Não dramatize. Você é o pai de David, lembre-se e você tem responsabilidades com relação a ele. Se Rhona tornou-se uma pessoa estranha para você, você tem que equilibrar a situação, dar-lhe segurança.

Ele a olhou fechadamente:

— Bronwen, eu não a entendo.

Ela respirou profundamente:

— Eu cresci, Owen, pelo menos.

Bronwen deixou Owen atrás da loja e retirou-se para dentro da casa. Assim que entrou, Michael espantou-se com sua aparência.

— Será que aconteceu algo com Rhona? perguntou ela sacudindo a cabeça. Ele balançou a cabeça:

— Sim, ela é um enigma por completo.

A senhora Dawnay entrou na sala. Sorriu para Bronwen:

— Owen parece ter perdido completamente a cabeça. Pois há polícia atrás dela, repórteres.

— Agora, mamãe, tudo parece estar no lugar certo. Assim que colocarmos este caso no seu devido lugar, as coisas em Trefion se fortificarão por si mesmo.

A atmosfera mudou repentinamente e Bronwen notou o olhar de Michael para ela.

— A felicidade de meu filho está em suas mãos, disse-lhe a senhora Dawnay sorridente.

Michael retirou-se da sala de estar e, logo, apareceu com um outro homem:

— Agora, senhor Gower, diga-nos exatamente, onde o senhor tentou encontrá-la.

Owen descreveu suas chamadas telefônicas para Londres, sem resultado.

— O que se pode fazer, doutor? Apelar novamente para a polícia?

Houve uma pausa. O coração de Bronwen palpitava. Então Michael perguntou:

— Você acredita, realmente, senhor Gower que isto seja necessário?

Owen não respondeu. O que haveria por detrás de tudo isto? Ninguém podia responder com segurança, nem mesmo Owen, o marido, nem mesmo Michael o competente médico com olhos para o futuro.

Bronwen resolveu falar, relutantemente, porém com um pouco de dificuldade para encontrar as palavras:

— Ela o ama, Owen e não pode aceitar o fato de ser rejeitada por você. Se você a abandonar, o mundo se arruinará para ela. Esta é a Rhona, a quem você tenta encontrar.

Michael, alcançou o telefone e:

— Ligue-me com a polícia.

\*\*\*

Os dias se passaram sem que houvesse alguma pista de Rhona Gower. Owen, fora novamente a Londres, deixando David sob os cuidados de Bronwen. Na escola, a criança estava cercada por um ambiente de calor e simpatia e seus colegas de classe faziam o que podiam para que ele esquecesse o passado.

Assim que falou com Bronwen:

— Hello, querido. Sente-se e tome seu café da manhã.

Seus dedos apertavam os dela:

— Mamãe?

Ela sacudiu a cabeça:

— Nenhuma novidade ainda querido. Mas, logo saberemos dela.

Ela queria saber por quanto tempo poderia manter as esperanças do menino, com estas promessas vagas.

— Eu quero estar com meu pai! Eu posso ajudá-lo. Sei que posso ajudá-lo.

— É melhor para você ficar aqui, com a senhorita Lewis zelando por você, por suas lições.

Ela o levou à escola, deixando-o no portão. Queria saber o que passava pela mente do menino.

\*\*\*

Na clínica, a porta se fecha por trás do último paciente:

— É tudo culpa minha. Michael. Se eu tivesse ouvido seu conselho.

Michael movia-se calma e deliberadamente, dando tempo a si mesmo para escolher as palavras, das quais ele não pudesse se arrepender mais tarde.

Finalmente, quando ele falou, tinha a voz modificada pela emoção:

— Bronwen, há algo que preciso dizer-lhe, agora, antes que possamos ter qualquer...

Ele parou de falar, olhando para ela:

— Qualquer notícia dramática ou desagradável, terminou Michael.

Ela segurou sua respiração:

— Você quer dizer que...

— Se ela tiver tomado algum caminho irrevogável. É isto exatamente o que quero dizer.

Ele a olhava com ternura e compaixão que não tentava esconder:

— Você sabe o que sinto por você, continuou Michael, e isto me dá o direito de falar. Não sou um forasteiro, colocado em julgamento. Sei o tanto que você se envolveu com estas pessoas e sei também do grau do seu senso de responsabilidade.

Ele levantou-se e colocou-se ao lado da cadeira de Bronwen:

— Mas, minha adorada, você está se envolvendo demais neste caso. Rhona Gower, já era uma criatura selvagem e impulsiva, antes de você entrar em cena.

Ela lhe disse:

— Irei embora, Michael. Rhona pensa que me intrometi na vida de Owen. Nunca escaparei disto. Este pensamento me é intolerável.

Ele tirou seu cachimbo do bolso da jaqueta e, enchendo-o com fumo:

— Sou um médico, Bronwen. Conheço os caprichos de Rhona, sua violência, seus nervos. Ela não é uma pessoa comum. Você não deve reaproximar-se dela.

Ela respondeu:

— Ela é esposa e mãe. Sempre me aproximarei dela.

Ele deixou suas mãos caírem, num sinal de vencido:

— Então, não há mais nada que eu possa dizer.

Ele foi em direção à porta, abriu-a e parando.

— Bronwen, fique mais um pouco. Não há nada que você possa fazer agora na loja. David está com a senhora Morgan. Está em boas mãos, e você precisa de um pouco de silêncio.

Ele colocou seu braço em torno dos ombros de Bronwen, que permaneceu impassível:

— Oh, Michael, isto aqui é como um céu. Obrigada.

Mais tarde, quando Bronwen estava sentada juntamente com Michael e a senhora Dawnay, o telefone tocou. Michael apressou-se em atendê-lo e chamou, de uma maneira precisa, por Bronwen.

— É a senhora Morgan. David não voltou da escola e ela está preocupada. Ela queria saber se você sabe alguma coisa sobre isto.

— Não, Michael, não sei, respondeu Bronwen com ansiedade.

— Liguei para Morwen. Ela deve ter alguma explicação para isto. Talvez ele tenha sido convidado por algum dos seus colegas para tomar chá e jamais pensou em nos avisar.

\*\*\*

— Não, eu não sei nada sobre David, respondeu a professora. Ele tem estado muito quieto depois do desaparecimento de sua mãe, mas, hoje, ele estava com um ar emocionado, disse a professora.

— Você é a única pessoa que compreende aquela criança, continuou Morwen.

Bronwen desligou o telefone e:

— Vocês acham que ele foi procurar pela mãe?

E, lembrando-se do que acontecera na hora do café da manhã, Bronwen, descreveu que David queria juntar-se ao pai para ajudá-lo a procurar pela mãe.

Michael, resolveu dizer o que pensava em voz alta:

— Será que ele se atreveria a tanto, sem comida e sem dinheiro? As crianças são tão práticas nos nossos tempos!

— Você quer dizer que ele, primeiramente, teria ido em sua casa?

— Certamente, respondeu Michael.

E, acrescentou:

— Vou tentar descobrir alguma coisa com a senhora Morgan, se está faltando alguma coisa, dinheiro, comida. Mas, não pense nada demais; ele é um menino honesto. Desejo apenas que tenhamos tempo de impedi-lo... Depois que falar com a senhora Morgan, irei diretamente para a casa dele. Se ele não estiver lá... Mas, não pensem nisto.

Não faltava nada na loja. Dirigiram-se para a casa de campo. Parecia o fim da civilização, aquele lugar.

— Esta criança, por este caminho, sozinha...

— Era no que eu estava pensando, respondeu Michael.

Havia uma luz na casa, na sala de estar:

— Olhe, Bronwen! Chegamos a tempo!

Pararam o carro e dirigiram-se para a porta.

Assim que a abriram, David estava lá, parado e em pé, segurando um lampião.

Bronwen correu em direção a ele, com um grito de alívio, mas, ele colocou seus dedos em sua boca e:

— Pssiu, Bronwen. Assim você acordará mamãe. Ela está lá em cima. Ela está em casa.

## CAPÍTULO XII

— Rhona aqui? gritou Bronwen.

— Pssiu!

Os olhos de Bronwen encontraram-se com os de Michael. Ele colocou seu braço em torno dos ombros de David e:

— Suponhamos que você nos conte essa estória.

Os olhos do menino brilhavam com a emoção, enquanto ele contava a estória. Parecia um conto de fadas. Ele descreveu que resolvera procurar por sua mãe há alguns dias atrás. Era um plano recente. Aproveitando a oportunidade de que Bronwen chegava tarde da clínica, ele resolveu procurar por sua mãe, enquanto Bronwen se encontrava fora da loja.

— Trocarei algumas palavras com sua mãe, pequeno jovem. Há coisas que precisam ser explicadas. Você dirá a ela que a irmã e eu estamos aqui?

David hesitou:

— Ela está muito cansada.

Mas, Michael insistiu:

— Você irá buscá-la ou eu devo subir?

— Eu irei buscá-la.

Assim que o menino foi buscar a mãe, Bronwen sentou-se:

— Oh, Michael, não sei o que dizer. Que alívio...

Rhona desceu, de mãos dadas com David.

— Onde você se escondeu? O que aconteceu? gritou Bronwen alarmantemente.

Rhona respondeu com um sorriso:

— Escondida? Estive apenas nas montanhas. Isto é tudo. Numa casa de campo com um velho casal, eles me levaram para lá. Eram bondosos; não fizeram nenhuma pergunta. Nada de rádio, nada de jornais. Era o que eu precisava: de algum lugar para pensar, para decidir o que eu deveria fazer.

Sua voz ergueu-se:

— Owen tinha terminado comigo. Não pude considerar as coisas tão simples entre nós ou não pude considerar que isto seria o fim de tudo. Não sabia que estavam procurando por mim — Owen e a polícia.

Ela tremia. Michael acendeu um cigarro e colocou-o em seus lábios.

— Vocês jamais pensaram que eu pudesse estar nas montanhas, que sempre acreditei detestar. Vocês pensaram que eu estivesse em alguma cidade, em meio das luzes brilhantes.

Ela olhou para David, jogando fora o cigarro, apertou-o firmemente em seus braços, com lágrimas nos olhos.

Michael comentou:

— Owen está desesperado por encontrá-la, senhora Gower. Ele está pondo todo o lugar de pernas para o ar. Seu retrato tem sido mostrado nos jornais e na televisão.

Ele acrescentou com um ligeiro sorriso:

— Você está famosa, embora eu não saiba se este é o seu desejo.

— Como poderei encontrá-lo, doutor Dawnay, meu Owen?

Ele sorriu e sacudiu a cabeça:

— Nós trataremos de encontrá-lo. Você fica aqui com David. Tenho o número do telefone de Owen em Londres, de onde ele está hospedado.

Ele se dirigiu para a porta, mas, Bronwen, a enfermeira prática, perguntou:

— Há algo que eu possa fazer por você? Comida?

Rhona sacudiu sua cabeça:

— Nós estamos bem, irmã.

\*\*\*

Três semanas se passaram. Bronwen tentava esquecer a situação criada entre ela e Owen.

Numa noite, quando Bronwen voltava para a loja, encontrou a senhora Morgan esperando por ela, com a fisionomia transtornada:

— Finalmente, você chegou, irmã. O senhor Gower voltou, com novidades inesperadas. Eu mal posso contá-las a você.

Owen estava lá, na loja, sentado calmamente.

— Bem, Owen, o que está acontecendo?

Ele a olhou firmemente:

— Nós vamos embora, Bronwen, para começarmos uma nova vida.

— Sim, é a melhor coisa que vocês podem fazer.

Seu olhar penetrante não deixava de olhar para o rosto de Bronwen.

Uma vez mais, ele começou a falar, mas, eram simplesmente palavras para cobrir o silêncio. Um fazendeiro de grandes posses e de altas relações políticas leu a história de Rhona e Owen nos jornais, e oferecera a Owen um emprego. Parecia ser uma oportunidade maravilhosa para Owen.

— É tudo tão lindo, Bronwen. Quase que eu poderia dizer que é como meu vale perdido, disse Owen.

A voz de Owen tornou-se emocionada, quente e remanescente:

— Oh, ela está tão feliz e tão cheia de planos, disse Owen, e o menino não deixa nunca de zelar por ela. Já lhe perguntei porque, e ele respondeu-me que é para que ela não fuja de nós outra vez.

Ele sorriu ternamente:

— Um pequeno jovem crescido, irmã, com senso de responsabilidade.

Bronwen escutava sua voz expressiva, quase que não acreditando nestes mágicos acontecimentos:

Bronwen falou sentidamente:

— E Black Gower, também teria mudado?

— Sim, Gower, as batalhas se acabaram.

Os olhos de Gower estudavam Bronwen e as palavras vieram-lhe à mente, como influência de um poeta:

— Foi um tempo estranho. Coisas foram ditas e sentidas na infelicidade. E a felicidade parecia ser impossível. Mas, agora, Rhona e eu somos felizes, e você, também, será feliz.

— Eu sou feliz, respondeu Bronwen, tenho meu trabalho.

Ele sacudiu sua cabeça:

— Você não é feliz. Você chegou até mesmo a pensar em ir embora daqui. Mas, você nunca escapará. Onde quer que você vá, você levará sua personalidade com você. Isto é porque você deve ficar aqui e redescobrir a si mesma.

— Você está certo, Owen. Mas tenho tantas lembranças.

Os dedos de Owen apertavam os de Bronwen, docemente:

— Este é o nosso momento de verdade, Bronwen. Deste modo, não vamos desperdiçá-lo. Chegamos a acreditar que nos amávamos, um ao outro. Agora, sabemos que foi somente uma ilusão.

Ele olhou firmemente para ela:

— Está acabado, Bronwen... para nós dois. Mas, “ele” a compreende... doutor Dawnay.

Ele dirigiu-se à porta, e abrindo-a:

— Ele zela por você e, um dia, você o fará feliz.

\*\*\*

A Galeria Millingdale estava lotada de pessoas, com a abertura da exibição do retrato de Rhona feito por Philip Conway. Rhona e Owen também estavam lá.

O senhor Lindsay Sherman uma pessoa distinguida no meio artístico, presidia a cerimônia com prazer, elogiando o trabalho de Philip Conway.

Michael e Bronwen também se encontravam lá. Bronwen queria saber que lembranças este retrato de Rhona evocavam em Michael.

Sabia que Michael a olhava. Virou-se e olhou-o, com um ligeiro sorriso nos lábios. Acenou para Rhona e então, cumprimentou a viva personalidade de Philip Conway.

Os discursos terminaram cobertos de aplausos. Michael dirigiu-se em direção à Bronwen e:

— Você está pensando o mesmo que eu? Que você dificilmente a reconheceria neste retrato?

Ela afirmou com a cabeça:

— Sim. Ela é a mesma e é no mesmo tempo outra. É difícil de explicar.

— Sim, ela aprendeu a lição. Mas, não estamos aqui para discutir sobre Rhona. Esta é uma boa oportunidade para visitar Londres.

Michael segurou-a pelo braço e disse-lhe:

— Vamos embora daqui e deixá-los com suas emoções.

Encontraram-se com Philip Conway:

— Sinto-me tão feliz por tê-los aqui, disse Conway calorosamente.



— Trefion parecerá um lugar vazio sem Black Gower, nós sentiremos falta dele, acrescentou Michael.

O artista sorriu:

— Esta é uma maneira de encarar os fatos. Adeus e... sejam felizes.

\*\*\*

... Era primavera e o sol brilhava através das águas azuis do lago.

Michael viu David na estrada e, virando-se para Bronwen:

— Ali está o jovem David! Vem vindo para cá!

O menino correu em direção a eles acenando e chamando por eles:

— Hello, doutor! Hello, Bronwen! Como está a senhora Morgan? O senhor Ivor? E a senhora Dawnay? E a senhorita Lewis?

— Espere um minuto! disse-lhe Michael; deixe-me dar uma olhada em você. Nem é preciso dizer se você está feliz; vê-se isto a uma milha de distância.

— E papai e mamãe também estão felizes, disse o menino em Welsh, virando-se para Bronwen; estou tentando ensinar mamãe alguma coisa em Welsh, mas ela nunca se lembra das palavras. Você terá que me ajudar, disse o menino sorrindo para Bronwen.

Os olhos de Bronwen encontraram-se com os de Michael. Tudo estava como antes. O mesmo pensamento em suas mentes.

O menino recomeçou a falar com, entusiasmo:

— Tenho uma novidade muito emocionante para lhe contar, Bronwen. Não posso esperar. O que você pensa que é? Estou para ter um irmão ou uma irmã. Mamãe queria, ela mesma, dizer-lhe isto, mas, não pude esperar.

— Oh, sinto-me tão feliz com isto tudo! exclamou Bronwen.

Michael já levava Bronwen muitas vezes a este lugar, mas, hoje, era uma visita especial; a primeira depois de um longo inverno, depois de todos aqueles acontecimentos.

Assim que se aproximaram da casa dos Gowers, Owen Gower apressou-se em atendê-los:

— Hello! Que maravilhoso! Vocês dois aqui!

— E você está ótimo. Você é um homem de sorte, respondeu-lhe Michael.

— Eu contei para eles, papai. Não pude esperar, disse o menino emocionadamente.

— Você é impaciente, disse-lhe Rhona tentando falar com a entonação Welsh; mas, não tem importância. Oh, Bronwen, sou tão feliz!

\*\*\*

... O dia passou de maneira agradável, com o frescor da primavera caminhando pelo lago. A lua brilhava.

Finalmente, Owen disse para David;

— Chega por hoje, David. É hora de você ir para a cama.

Ele colocou o menino nos ombros e segurou a mão de Rhona:

— Nós o levaremos para o quarto. Bronwen e Michael merecem ter um pouco de paz.

Marido e mulher trocavam sorrisos, de mãos dadas.

Michael virou-se para Bronwen e:

— Bem, minha querida, eles tornaram a situação fácil para nós. O luar, as montanhas... todo esse romantismo. Não precisamos de mais nada a não ser de nós mesmos nosso trabalho, nossa dedicação.

Ele colocou seu braço ao redor dos ombros de Bronwen:

— Tenho sido paciente, minha querida. E, não disse nenhuma só palavra de amor. Mas, oh, posso perguntar-lhe outra vez? Eu a amo e eu preciso de você.

Ela o olhou, agora porém sem hesitação e respondeu:

— E eu o amo, Michael. Eu sei disto.

Por um momento ele não pôde falar... e então, seus braços foram ao encontro dos dela e seus lábios nos dela.

FIM